



DITADURA
MEMÓRIA
RESISTÊNCIA
TRAUMA
LUTA

Organização:

Elaine Cristina Carvalho Duarte
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira
Rosângela Gomes Ferreira
Simone Maria Bacellar Moreira
Wellington Silva Santana de Oliveira

MARCELO RUBENS PAIVA

NA UERJ 2027

Simulado de questões objetivas

DITADURA
MEMÓRIA
RESISTÊNCIA
TRAUMA
LUTA

Organização:

Elaine Cristina Carvalho Duarte
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira
Rosângela Gomes Ferreira
Simone Maria Bacellar Moreira
Wellington Silva Santana de Oliveira

MARCELO RUBENS PAIVA

NA UERJ 2027

Simulado de questões objetivas



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Elaine Cristina Carvalho Duarte; Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira; Rosângela Gomes Ferreira; Simone Maria Bacellar Moreira; Welington Silva Santana de Oliveira [Orgs.]

Marcelo Rubens Paiva na UERJ 2027. Simulado de questões objetivas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 62p. 21 x 29,7 cm.

ISBN: 978-65-265-2893-8 [Digital]

1. Vestibular UERJ. 2. Simulado de questões objetivas. 3. Ainda estou aqui. 4. Marcelo Rubens Paiva. I. Título.

CDD – 370

Capa: Lídia Mendes

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828

Diagramação: Welington Silva Santana de Oliveira; Lídia Mendes

Editor: Valdemir Miotello

Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2026

ORGANIZADORES:

Elaine Cristina Carvalho Duarte
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira
Rosângela Gomes Ferreira
Simone Maria Bacellar Moreira
Wellington Silva Santana de Oliveira

AUTORES:

Bianca Gomes Borges Macedo
Bruna Pedrosa da Fonseca
Camila Dutra da Paz
Carla Flavia Antunes Da Costa
Claudia Valença de Lira Santos
Elaine Cristina Carvalho Duarte
Gabriel Calvano
Joana Elisa Deolinda Silva Dias
João Victor Dirk Teixeira e Ferreira
Julia Meirelles Gomes do Nascimento
Ketheleen Cristini Pinheiro de Araujo Pinto
Lethicia Roberta Barros Gonçalves
Letícia Carvalho Lessa
Lídia Mendes
Roberta Alves Silva Coimbra
Thayane Silva da Motta Furtado
Wellington Silva Santana de Oliveira

APOIO:



Sumário

Apresentação 6

Questões..... 9

Gabarito 53

Sobre os organizadores 57

Sobre os autores 61

APRESENTAÇÃO

Rosângela Gomes Ferreira ¹

Conscientes de suas responsabilidades sociais tanto quanto do compromisso com a qualidade acadêmica, professores-pesquisadores vinculados a diferentes unidades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) organizaram este e-book, reunindo questões inéditas elaboradas a partir da obra “Ainda Estou Aqui”, de Marcelo Rubens Paiva, selecionada para o 1º Exame de Qualificação do Vestibular UERJ 2027.

A iniciativa dialoga diretamente com o modelo de avaliação adotado pela instituição, que privilegia a leitura prévia de uma obra literária como eixo estruturador da prova de Linguagens. Trata-se de uma proposta que qualifica o processo seletivo ao incentivar a interpretação, a reflexão e a construção autônoma de sentidos.

Nascido do compromisso com a equidade educacional, este produto gratuito é fruto da parceria entre as coordenadoras e seus colaboradores dos projetos de extensão (1) “Língua, Literatura e Cidadania: democratizando o acesso ao Ensino Superior”, vinculado ao Instituto de Aplicação da UERJ (CAp/UERJ), coordenado pela professora doutora Hilma Ribeiro; (2) “Saber pra Mudar - Redação” e (3) “Saber pra Mudar - Literaturas”, coordenados, respectivamente, pelas professoras doutoras Rosângela Ferreira e Simone Bacellar, ambos vinculados à Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ). Os projetos fundamentam-se na convicção de que a educação é um instrumento essencial de transformação social e emergem como uma resposta às persistentes desigualdades que atravessam o acesso ao ensino superior no Brasil.

Assim, a presente publicação é mais do que um conjunto de questões voltadas à obra selecionada para o 1º Exame de Qualificação do Vestibular da UERJ 2027, este material traduz um posicionamento ético e político em favor da democratização do saber, do fortalecimento da educação pública e da formação de cidadãos críticos e atuantes. Parte-se

¹ Professora adjunta III da Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/UERJ) e coordenadora do Projeto de extensão “Saber pra Mudar - Redação” e do Projeto de Iniciação à Docência “Saber pra Mudar - Linguagens”.

do princípio de que o ensino de qualidade deve constituir-se como um direito universal, e não como um privilégio restrito.

A ênfase nos estudos de língua e literatura ancora-se na compreensão de que o domínio da linguagem é elemento fundamental para o exercício pleno da cidadania. As competências de leitura e interpretação extrapolam os limites dos exames seletivos, configurando-se como instrumentos essenciais para a participação crítica na sociedade, para o desenvolvimento da autonomia intelectual e para a afirmação de identidades.

Nesse sentido, as atividades propostas foram concebidas com o objetivo de fomentar a reflexão crítica acerca da obra “Ainda Estou Aqui”, de Marcelo Rubens Paiva, promovendo sua aproximação com leitores do contexto contemporâneo, bem como o enriquecimento da formação literária dos estudantes, e também a ampliação da compreensão sobre os processos históricos da sociedade brasileira.

A elaboração deste material, em um contexto de greve, evidencia o entendimento de que a greve não se configura como interrupção do trabalho, mas como uma forma legítima de reivindicar condições dignas para sua realização. Nesse período, docentes universitários permanecem atuantes em suas múltiplas frentes — produzindo conhecimento, orientando estudantes, desenvolvendo pesquisas e refletindo criticamente sobre o país. Assim, a construção deste e-book reafirma o compromisso permanente com a educação pública, mesmo diante de condições adversas.

Por essas razões, sua produção também se inscreve como um gesto de resistência institucional e de continuidade. Defender a universidade pública implica assegurar não apenas sua existência imediata, mas também a permanência de condições adequadas para a formação de futuras gerações. Trata-se, portanto, de um posicionamento em defesa da educação, da ciência e do serviço público como pilares fundamentais para o desenvolvimento social.

Desse modo, este material reafirma sua vocação como instrumento de acesso, de formação e de transformação, colocando-se à disposição de estudantes e educadores como apoio qualificado à preparação acadêmica e ao desenvolvimento crítico. Espera-se que este e-book contribua não apenas para o desempenho no exame, mas também para a construção

de percursos formativos mais conscientes, autônomos e comprometidos com uma sociedade mais justa e democrática.

QUESTÕES

AS QUESTÕES DESTE SIMULADO REFEREM-SE AO LIVRO *AINDA ESTOU AQUI*, DE MARCELO RUBENS PAIVA (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015)

TRECHO I

A casa da Delfim Moreira, 80, continuou do mesmo jeito por anos. Virou um restaurante suíço por um tempo. Dizem que era um bom restaurante. Eu não tinha dinheiro para experimentar. Certamente meus pais seriam dos primeiros a frequentá-lo. Que ironia: o sequestro de um embaixador suíço nos fez mudar da casa que virou um restaurante suíço. Mantiveram as mesmas cores (paredes brancas e batentes azuis). Cheguei a visitá-la. Comecei a subir para o segundo andar. Um garçom me barrou. Expliquei que eu morara ali anos antes e queria rever a casa. Ele deixou. Sozinho, circulei pelos quartos. O meu se transformara num depósito de garrafas. Tudo estava igual, o piso, as treliças das janelas, as mesmas portas e fechaduras. Tinha ainda o calor da minha família. Tinha ainda o calor do meu pai. Eu tinha vontade de contar para todos como fui feliz naquela casa. Dos jogos de botão no chão, do tapete em que eu e minha irmã mais nova rolávamos, imitando a abertura da novela Sangue e Areia, das brincadeiras de dublar dramaticamente grandes artistas no sofá da sala: “Conceição, eu me lembro muito bem, vivia no morro a sonhar, com coisas que o morro não tem...”. Reparem nesta vista! De todas as janelas, do quatinho da empregada, do lavabo, do escritório, dos quartos, se veem o mar, a praia, o céu. Naquela calçada joguei muita bola de gude. Na outra, empinei pipa. Ali, comemorei a conquista do tri, batucando. As pessoas passavam de carro e buzonavam, felizes. Nesta janela, coleí bandeirinhas do Brasil. Para alguns, seria considerado um gesto de apoio ao regime. Que nada. Para mim, era apoio à Seleção Canarinho. Repare nas Cagarras! Ninguém reparava. A maioria estava preocupada em pescar com o garfo comprido o pedaço de pão ou de carne que tinha perdido dentro do fondue.

Em Santos, minha mãe começou a trabalhar na empresa do meu avô aduaneiro, a Paiva Companhia. Era a primeira vez que trabalhava. Era uma assistente. Sabia escrever, sabia línguas, sabia o básico. Fez vestibular para a faculdade de direito em 1972 e passou.

De dia ia para a rua XV de Novembro, sede da firma. Em casa, no quarto, trancada no escuro, chorava todas as noites, chorava sozinha, sem que nos déssemos conta. Não queria que percebêssemos, mas que tivéssemos uma infância e adolescência sem âncoras na alma, que tocássemos a vida, os estudos, que tivéssemos amigos, namoradas. Não repartiu sua dor com ninguém. Não sei julgar se estava certa ou errada. Era seu jeito de ser. Desde menina, a italianinha não repartia seus sentimentos felizes ou dolorosos com ninguém. Superar? Impossível. Esquecer? Nem pensar. Tocar. Seguir. Esperar reacenderem outra fogueira no alto, outro facho de luz, que orientasse a volta para a costa, para a terra firme, o chão.

Em 1974 nos mudamos para São Paulo, para um apê modesto e apertado nos Jardins. Ela só tinha uma procuração do meu pai antiga, de 1964 (de quando ele foi cassado e exilado). Poucos a aceitavam. A situação era uma aberração jurídica: não podia sacar dinheiro do banco, apenas o da conta conjunta, mas este estava acabando; ele não estava morto nem vivo, não tinha como

tocar os negócios da família, tudo bloqueado; tinha um seguro de vida que não podia ser resgatado, pois não existia atestado de óbito; tinha uma pensão que não podia ser requerida; nem cheques de viagem em dólares podiam ser trocados (tenho eles até hoje, com a assinatura do meu pai).

Por sorte, ela conseguiu vender um terreno, o da pedreira no Jardim Botânico, o da jaqueira, o do sonho desfeito de uma casa enfim no nome da família, e comprou um apê na planta também nos Jardins, na mesma quadra, aproveitando o boom imobiliário da década de 70. Minha mãe morou ali por trinta anos, até o começo do Alzheimer. Uma casa própria, enfim. Sua! Nossa...

1ª QUESTÃO

A casa da Delfim Moreira, 80, continuou do mesmo jeito por anos. Virou um restaurante suíço por um tempo. Dizem que era um bom restaurante. Eu não tinha dinheiro para experimentar. Certamente meus pais seriam dos primeiros a frequentá-lo. Que ironia: o sequestro de um embaixador suíço nos fez mudar da casa que virou um restaurante suíço.

No trecho acima, o narrador revisita a antiga casa da família, agora transformada em um restaurante suíço. Observa-se que a lembrança do sequestro do embaixador suíço se mistura às memórias afetivas construídas naquele espaço. Essa articulação evidencia um aspecto fundamental das narrativas memorialísticas:

- A) A capacidade de integrar acontecimentos históricos à experiência individual, reforçando como a memória pessoal é afetada pelo contexto social e político.
- B) A predominância da descrição objetiva do espaço, que busca neutralizar emoções para fortalecer o realismo narrativo.
- C) A valorização exclusiva da paisagem urbana, tomada como elemento central para o desenvolvimento do enredo.
- D) A ruptura completa entre passado e presente, impedindo que o espaço revisitado funcione como gatilho para as lembranças do narrador.

2ª QUESTÃO

Tinha ainda o calor da minha família. Tinha ainda o calor do meu pai. Eu tinha vontade de contar para todos como fui feliz naquela casa.

Considerando o trecho acima e o conjunto do texto, as dimensões da vida do narrador são evidenciadas principalmente pela articulação entre:

- A) a dimensão histórica, que prevalece quando o narrador descreve os fatos políticos sem envolver experiências pessoais.
- B) a dimensão afetiva, que emerge da memória sensorial e emocional ligada à casa e às relações familiares.
- C) a dimensão profissional, marcada pelas responsabilidades do narrador no período da infância.
- D) a dimensão material, centrada exclusivamente na perda de bens e propriedades da família.

3ª QUESTÃO

De dia ia para a rua XV de Novembro, sede da firma. Em casa, no quarto, trancada no escuro, chorava todas as noites, chorava sozinha, sem que nos déssemos conta. Não queria que percebêssemos, mas que tivéssemos uma infância e adolescência sem âncoras na alma, que tocássemos a vida, os estudos, que tivéssemos amigos, namoradas. Não repartiu sua dor com ninguém. Não sei julgar se estava certa ou errada. Era seu jeito de ser.

No trecho transcrito, a mãe do narrador é caracterizada principalmente por sua postura diante da dor causada pelo desaparecimento do marido. Desse modo, o aspecto que melhor sintetiza sua construção como personagem é:

- A) sua fragilidade emocional, marcada pela incapacidade de manter a vida cotidiana.
- B) sua introspecção resiliente, que a leva a ocultar a própria dor para proteger os filhos.
- C) seu distanciamento afetivo, que resulta em pouca participação na vida familiar.
- D) sua postura autoritária, que impõe regras rígidas para compensar a ausência do pai.

4ª QUESTÃO

O filme *Ainda Estou Aqui*, inspirado na obra homônima de Marcelo Rubens Paiva, retrata a trajetória da família Paiva após o desaparecimento do ex-deputado Rubens Paiva durante a ditadura civil-militar brasileira. Até hoje, o corpo do deputado não foi localizado. O período foi marcado pela censura, pela perseguição política e pela repressão aos opositores do regime, levando a sociedade a refletir sobre a importância da democracia e sobre os debates relacionados à anistia concedida aos envolvidos naquele contexto histórico.

Qual alternativa caracteriza corretamente a ditadura civil-militar instaurada no Brasil em 1964?

- A) Restrição dos direitos políticos, apoio de parte da classe média e de setores privados ao regime, além da prática de torturas, prisões, perseguições e mortes de opositores políticos.
- B) Ampliação da participação popular nas decisões políticas, ausência de repressão estatal e inexistência de denúncias de violência contra opositores.
- C) Defesa ampla da liberdade de expressão, fortalecimento dos direitos trabalhistas e incentivo à participação democrática da população.
- D) Apoio às reivindicações sindicais e incentivo à organização política dos trabalhadores como prioridade do governo militar.

5ª QUESTÃO

O livro *Ainda Estou Aqui*, escrito por Marcelo Rubens Paiva, voltou ao centro dos debates culturais após a adaptação cinematográfica homônima receber destaque internacional com a indicação ao Oscar de 2025. A obra aborda memórias familiares marcadas pela repressão política durante a ditadura militar brasileira.

Considerando a narrativa do livro, qual alternativa apresenta seu tema principal?

- A) Os impactos sociais provocados pela pandemia de Covid-19 nas comunidades periféricas do Brasil;
- B) A experiência de famílias afetadas pelas enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul em 2024;
- C) A violência praticada durante a ditadura militar brasileira e a busca por memória, verdade e justiça;
- D) As dificuldades enfrentadas por brasileiros em processos migratórios para países europeus.

6ª QUESTÃO

Considerando a estrutura narrativa do trecho, é possível identificar a predominância de uma memória afetiva, acionada pela revisita do narrador ao antigo lar.

Esse recurso cumpre qual função na construção do texto?

- A) Acelerar o ritmo narrativo com foco nos acontecimentos políticos da época.
- B) Instituir uma atmosfera objetiva que neutraliza emoções para preservar a verossimilhança.
- C) Reconstituir lembranças que vinculam espaço e identidade, revelando a dimensão subjetiva da experiência.
- D) Apresentar informações descritivas neutras, exclusivamente dedicadas à caracterização física da casa.

TRECHO II

Por aquelas ruas, fui também incrivelmente feliz. Por aquelas ruas, minha família, minhas irmãs, sobretudo meu pai, que se deslumbrou desde o primeiro dia com o Rio de Janeiro, santista que encontrou a cidade praiana cosmopolita, foram felizes. Não fecho os olhos para o fato de que, cada vez que visito aquelas ruas, aquela quadra, elas não são as mesmas. Como olhar para as mesmas ilhas Cagarras, na orla da Zona Sul, ilhas que ficam diante das praias de Copacabana, Ipanema, Leblon, Pepino, Barra e Recreio, arquipélago de sete pequenas ilhas e rochedos inabitados, sem reparar que elas também se transformam. Do Alto Leblon, elas têm um formato. Do Jardim de Alá, na fronteira entre Leblon e Ipanema, outro, o grande rochedo fica ao centro, e à distância elas se parecem uma ilha só. Caminhando até o Arpoador, no final de Ipanema, o arquipélago muda de formato, as ilhas se mostram separadas: o grande rochedo, a ilha Cagarra Grande, de oitenta metros de altura, não fica no meio, como me acostumei a ver diariamente da janela daquele pequeno sobrado na Delfim Moreira, 80, como a grande mãe. Aliás, a ilha Cagarra Grande é a mais distante. Todo carioca percebe numa simples caminhada a mudança do formato de algo que de longe parece um bloco sólido. O que vemos não é bem o que vemos. Por isso, como muitos, escrevo o que já escrevi.

Depois de entregar o bilhete, entrei transtornado em casa pulando o muro vizinho, pelo mesmo caminho que saí. Os tais agentes de dedetização tinham prendido meu pai. Ninguém podia vir aqui, senão era preso também.

Na sala, minhas irmãs jogavam cartas com dois agentes. Espalhadas pelo sofá e pelo chão, usando uma mesa baixa de centro. Todos estavam calmos. Eles não pareciam maus. Não pareciam vilões. Não pareciam com ódio. Eram até educados. Não pareciam dominar a nossa rotina. Não pareciam algozes, carcereiros. Pareciam convidados. Não pareciam eficientes, pois não perceberam minha ausência momentânea. Se o inimigo era aquele, não demonstrava.

Nós tínhamos direito de ir e vir dentro de casa. A calma se transformava quando tocava o telefone. Um atendia numa extensão, e minha mãe era obrigada a falar sob a vigilância de outro. Respondia secamente aos amigos que ligavam para saber da programação do feriado. “Ele não está.” “Ele saiu.” “Ele viajou.” “Ele não voltará...” Os amigos do outro lado estranhavam. Eunice, o que foi? Como não está, combinamos de ir à praia, como viajou, íamos jantar hoje, como saiu, para onde, nesse calor, nesse sol? A frieza da minha mãe não foi ensaiada, não seguiu um manual da esposa do guerrilheiro urbano, “do terror!”, foi intuitiva, ela foi esperta, seguiu uma mágica intuição, nunca pensou no que falar, falava simplesmente, e sempre observei com atenção, pois o que falou sempre fez sentido, em entrevistas, em coletivas, em ambientes tensos, com dedetizadores, na militância contra a ditadura, na de direitos humanos, nas reuniões da Anistia, com índios, com Sting, era o bom senso materializado, era invejável, e tentei imitá-la em vão por toda a vida, nas entrevistas mais intrincadas que dei, sob um bombardeio de perguntas dúbias, em que se esperava de mim A OPINIÃO de familiares vítimas da ditadura, A OPINIÃO do jovem escritor, A OPINIÃO do formador de cabeça. Imaginava o que minha mãe responderia, qual a sua, a NOSSA luta, a luta de todos, a luta por direitos, a luta por justiça, o que quer a humanidade, qual a sua OPINIÃO.

7ª QUESTÃO

Por aquelas ruas, fui também incrivelmente feliz. [...] cada vez que visito aquelas ruas [...] elas não são as mesmas.

No início do trecho, o narrador estabelece uma relação entre memória e transformação da cidade. Nesse fragmento, a comparação entre passado e presente evidencia principalmente:

- A) a tentativa de reconstruir fielmente a história da cidade.
- B) a percepção de que a memória preserva experiências que o tempo modifica.
- C) o desejo de abandonar lembranças ligadas ao passado.
- D) a descrição objetiva das mudanças urbanísticas do Rio de Janeiro.

8ª QUESTÃO

Todo carioca percebe numa simples caminhada a mudança do formato de algo que de longe parece um bloco sólido. O que vemos não é bem o que vemos.

No primeiro parágrafo, o narrador descreve a paisagem das ilhas Cagarras a partir de diferentes pontos da cidade.

Nesse fragmento, a observação sobre a paisagem desempenha, no contexto do texto, principalmente a função de:

- A) evidenciar a imprecisão científica das descrições geográficas da cidade.
- B) sugerir que a percepção da realidade depende da posição e da experiência do observador.
- C) demonstrar que a memória do narrador é incapaz de reproduzir fielmente os fatos do passado.
- D) indicar que a natureza da cidade permanece estável apesar das transformações históricas.

9ª QUESTÃO

Na sala, minhas irmãs jogavam cartas com dois agentes. Espalhadas pelo sofá e pelo chão, usando uma mesa baixa de centro. Todos estavam calmos. Eles não pareciam maus. Não pareciam vilões. Não pareciam com ódio. Eram até educados. Não pareciam dominar a nossa rotina. Não pareciam algozes, carcereiros. Pareciam convidados.

No trecho abaixo, o narrador descreve a presença dos agentes na casa.

Considerando a construção discursiva desse fragmento, o efeito literário predominante da sequência de negações é:

- A) indicar que os agentes não representavam ameaça real à família naquele momento.
- B) reforçar a neutralidade do narrador diante da presença dos agentes, evitando julgamentos explícitos.
- C) demonstrar que o narrador desconhecia a função exercida pelos agentes no contexto político da época.
- D) produzir um contraste entre aparência e realidade, evidenciando a naturalização cotidiana da violência política.

10ª QUESTÃO

Ainda na descrição dos agentes, o narrador afirma:

Pareciam convidados.

A comparação entre agentes da repressão e convidados contribui para:

- A) ironizar a aparente cordialidade da repressão.
- B) demonstrar respeito pelas autoridades.
- C) indicar que os agentes participavam da vida familiar.
- D) justificar a presença dos policiais na casa.

11ª QUESTÃO

Todo carioca percebe numa simples caminhada a mudança do formato de algo que de longe parece um bloco sólido.

Nesse fragmento, a paisagem da cidade funciona como metáfora para:

- A) a estabilidade da memória
- B) a multiplicidade de perspectivas sobre a realidade
- C) a importância da geografia urbana
- D) a permanência da natureza ao longo do tempo

12ª QUESTÃO

No final do trecho, o narrador destaca repetidamente a palavra:

A OPINIÃO do jovem escritor, A OPINIÃO do formador de cabeça [...] qual a sua OPINIÃO.

O uso de “OPINIÃO” em caixa alta indica:

- A) a importância das opiniões individuais para o debate público.
- B) a pressão social para que o narrador se posicionasse politicamente.
- C) a valorização da opinião dos jornalistas.
- D) a crítica à liberdade de expressão.

TRECHO III

Você se lembra de mim?

A memória não se acumula sobre outra. A recente não é resgatada antes da milésima. Que não fica esquecida sob o peso das novidades, do presente. O passado interage com o segundo vivido, que já ficou para trás, virou memória recente. Memórias se embaralham.

Então me explica rápido: por que velhos com demência se esquecem das coisas vividas horas antes e se lembram das vividas na infância, décadas antes? Minha mãe, aos oitenta e cinco anos de idade, com Alzheimer, não se lembra do que comeu no café da manhã. Mas vê meu filho, de um ano e pouco, e o reconhece, como pouquíssimas pessoas. Vê sua foto e o reconhece. Tem saudades dele.

“Você se lembra de mim?” é a pergunta que todos lhe fazem. Querem ser reconhecidos. Querem que ela se lembre. Querem que ela se lembre “de mim”. A prova de que tem algo deles dentro dela, uma memória que está lá, mas não consegue ser resgatada, que é da pessoa que quer ser lembrada. Querem a prova de que ainda existe alguma ligação com o mundo, com a vida. Pergunta que deixa o portador de Alzheimer em pânico, ele se sente desafiado, provavelmente

tem uma vaga lembrança, e não sabemos se fala a verdade ou se desiste, mas passa a dizer para todos:

— É.

Não diz claro que me lembro, ou apenas sim. Diz: “É”. Que não significa nada. Que não responde a nenhuma pergunta. Que “é” apenas. E quando quer dar um ponto final numa conversa, diz: “Pronto”. Como quem diz “Satisfeito?, me lembrei de você, sem lembrar exatamente quem você é”.

— Você se lembra de mim?

Veroca deu uma resposta ótima para um professor que fez essa pergunta:

— Não é importante, o fundamental não é a lembrança, mas como você interage com ela hoje.

Minha mãe ficou viúva aos quarenta e um anos. Na adolescência, eu não me identificava com colegas que reclamavam do conservadorismo dos pais. Minha mãe tinha amigos “avançados”, escritores, feministas, editores, intelectuais, antropólogos, maconheiros, hippies, sem contar inúmeros políticos cassados, ex-exilados e jornalistas em busca de notícia. Recebia visitas de correspondentes estrangeiros, representantes de organizações de direitos humanos e de outros governos. Eu sei que já disse tudo isso.

Ali estava um ícone da ditadura, prova bem articulada que contestava a versão oficial. Minha mãe viva negava a mentira criada. O entra e sai era tamanho, que ela não tinha tempo para futilidades. Eu tinha, sim, ódio dos militares. Do poder. No entanto, assistir à atuação dela me ensinou a não alimentar revanchismos. Ao invés de se fazer de vítima, ela falava de um contexto maior, entendia a conjuntura do continente, sabia ser parte de uma luta ideológica. Era mais uma Maria (Maria Eunice), cantada por Elis Regina em “O bêbado e a equilibrista” (“choram Marias e Clarisses, no solo do Brasil...”). Nunca se deixou cair no pieguismo, não perdeu o controle diante das câmeras, nem vestiu uma camiseta com o rosto do marido desaparecido. Não culpou esse ou aquele, mas o todo. Não temeu pela vida. Lutou com palavras.

Virgílio Gomes da Silva, o Jonas, foi o primeiro da leva de desaparecimentos políticos que começou a partir de 1969 no Brasil. A última vez que foi visto foi em 29 de setembro, na Operação Bandeirante (Oban) de São Paulo. Entre 1970 e 1971, foram quinze os desaparecidos políticos. Depois, o número saltou para cento e quarenta. A ditadura adotou como prática sistemática execuções e desaparecimentos. Impossível calcular quantos. Se botar na conta aldeias indígenas, tribos dizimadas, que desapareceram na expansão da fronteira agrícola e ocupação da Amazônia promovida pelos militares, esse número vira uma enormidade.

São eles, os pioneiros: Mário Alves de Souza Vieira, desaparecido a partir de 17 de janeiro de 1970; Jorge Leal Gonçalves Pereira, desaparecido em 20 de outubro de 1970; Celso Gilberto de Oliveira, 30 ou 31 de dezembro de 1970; meu pai, 22 de janeiro de 1971; Antônio Joaquim de Souza Machado e Carlos Alberto Soares de Freitas, ambos em 15 de fevereiro de 1971; Joel Vasconcelos Santos, 15 de março; Stuart Edgar Angel Jones, 14 de maio; Ivan Mota Dias, 15 de maio; Mariano Joaquim da Silva, 31 de maio; Heleny Ferreira Telles Guariba, Walter Ribeiro Novaes e Paulo de Tarso Celestino da Silva, os três em 12 de julho de 1971; Francisco das Chagas Pereira, em 5 de agosto; e Félix Escobar, em outubro de 1971.

O Exército nem abria mais inquéritos sobre os desaparecimentos. Eram um caso banal. A prática, que começou no Brasil, espalhou-se. No Chile, a partir de 1973, foram três mil. Na Argentina, a partir de 1976, quinze mil.

Os familiares dos desaparecidos viviam num limbo civil, além de emocional (temos ou não um pai, uma mãe, um filho, uma filha ou netos vivos?). A burocracia engessava atividades corriqueiras. Não sabíamos nem a data em que deveríamos decretar como o dia da morte. Repare que usei a expressão “desaparecido a partir de”, e não “morto em”. Meu pai foi preso no dia 20 de janeiro. Estava morto na noite do 21 para o 22 de janeiro. Para nós, da família, a data da sua morte é 20 de janeiro. Só recentemente soubemos que ele morreu entre 21 e 22. Não mudaremos o dia em que sua morte faz aniversário.

Eu deveria vingar a morte do meu pai? Comprar um revólver e ir, de um em um, atirar na cabeça? Com dezessete, dezoito, dezenove anos eu não era maluco o suficiente para partir pra guerra. Era da paz. Era um pacifista. Alguns nomes dos torturadores envolvidos já tinham sido divulgados nas declarações oficiais do próprio Tribunal Militar. Bastava consultar o catálogo telefônico do Rio de Janeiro e ir de um em um, sabe quem eu sou?, pá, sabe de quem sou filho? pá, olha pra mim, pá. Mas lutar pela democratização seria uma vingança mais efetiva, e esperar que a Justiça numa nova democracia fizesse a sua parte. O que espero até hoje.

A famosa caixinha da Fiesp, de empresários que financiavam o centro de tortura da Oban, que inspirou os DOI-Codis, era passada pelo Henning Boilesen, da Ultragás, e dizem que ele frequentava as sessões, para assistir a garotos de ponta-cabeça levando choques. Empresários davam dinheiro e equipamentos para ajudar no combate ao “terrorismo”, que atrapalhava os negócios. Boilesen foi justificado pelo Movimento Revolucionário Tiradentes e a Ação Libertadora Nacional (ALN), organização que ajudou a destruí-lo, metralhado numa rua dos Jardins, perto de onde mataram Marighella.

Torturadores, “traidores” e delegados também foram justificados. Imagino o cara que foi torturado quase até a morte por um policial e depois o encontra nas ruas. Membros da ALN queriam vingar os amigos e atacar os centros de tortura. Marighella era contra. Dizia que a luta era ampla, contra um sistema, um regime, não contra os agentes da repressão, que era uma luta política, não pessoal. Impedia ações de vingança. Mas, depois da sua morte, a organização perdeu o rumo, executou companheiros, rachou.

Via minha mãe sem rancor, publicamente a favor da Anistia, aliada a movimentos dos direitos humanos, sensata, com um ideal nos punhos, e me dizia que ali estava a atitude correta, a nossa guerra. Ela aos poucos se tornava um ícone da redemocratização. Uma autoridade. Dava entrevistas, recepcionava aliados, frequentava reuniões no Congresso, agregava. Eu, com minha gangue de garotos revoltados e fiéis ao determinismo histórico, passava em frente de restaurantes da burguesia e gritava: “Essa moleza vai acabar!”. Ah, sim, fiz pichações. No campus da Unicamp. Não muito inspiradas: PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO, LIBERDADES DEMOCRÁTICAS, ANISTIA AMPLA E RESTRITA. Os jargões reformistas em voga.

13ª QUESTÃO

A memória não se acumula sobre outra. A recente não é resgatada antes da milésima.

No primeiro parágrafo do trecho, o narrador discute a natureza da memória. Essa reflexão inicial estabelece um dos eixos temáticos centrais da obra.

Considerando a perspectiva apresentada, a relação entre memória e esquecimento no texto é caracterizada por:

- A) Uma hierarquia temporal rígida, onde as lembranças mais antigas são sempre mais acessíveis que as recentes.
- B) Um processo dinâmico e caótico, no qual as memórias se embaralham e a cronologia é frequentemente subvertida.
- C) A predominância da memória afetiva sobre a factual, determinando o que é lembrado e o que é esquecido.
- D) A capacidade de resgatar seletivamente apenas as memórias que trazem conforto ou que são socialmente aceitas.

14ª QUESTÃO

Não é importante, o fundamental não é a lembrança, mas como você interage com ela hoje.

Veroca, personagem mencionada no texto, oferece uma perspectiva sobre a memória.

Essa fala de Veroca sugere que a importância da memória reside:

- A) Na sua precisão histórica e na fidelidade aos fatos ocorridos no passado.
- B) Na sua utilidade para a construção de narrativas coletivas e para a manutenção de laços sociais.
- C) Na sua função de preservar a identidade individual, independentemente de sua veracidade.
- D) Na sua capacidade de moldar o presente e influenciar as ações e percepções atuais.

15ª QUESTÃO

Nunca se deixou cair no pieguismo, não perdeu o controle diante das câmeras, nem vestiu uma camiseta com o rosto do marido desaparecido.

O narrador contrasta a postura de sua mãe, Eunice Paiva, com a de outros familiares de desaparecidos políticos.

Essa descrição da mãe revela uma atitude de:

- A) Pragmatismo e racionalidade, priorizando a luta política em detrimento da expressão emocional pública.
- B) Conformismo e aceitação passiva diante das adversidades impostas pela ditadura.
- C) Distanciamento emocional e frieza, o que a impedia de demonstrar o sofrimento pela perda do marido.
- D) Rebeldia e confrontação direta, buscando a vingança pessoal contra os agentes da repressão.

16ª QUESTÃO

O texto detalha a prática sistemática de execuções e desaparecimentos políticos durante a ditadura militar, mencionando o caso de Virgílio Gomes da Silva e a expansão dessa prática para outros países da América Latina. A abordagem do narrador sobre os desaparecimentos políticos tem como principal objetivo:

- A) Apresentar uma lista exaustiva de todas as vítimas da ditadura, com datas e locais precisos.
- B) Denunciar a brutalidade do regime e a desumanização das vítimas, que se tornaram "casos banais".
- C) Criticar a ineficácia das organizações de direitos humanos na proteção dos militantes políticos.
- D) Evidenciar a singularidade do caso de seu pai em relação aos demais desaparecidos do período.

17ª QUESTÃO

O texto menciona a "famosa caixinha da Fiesp" e o envolvimento de empresários como Henning Boilesen no financiamento e na participação em sessões de tortura. Essa informação revela um aspecto crucial da ditadura militar no Brasil, que é:

- A) A atuação isolada de militares e agentes de segurança na repressão política.
- B) A exclusividade da tortura como método de repressão, sem outras formas de violência.
- C) A ausência de resistência por parte da sociedade civil organizada contra a ditadura.
- D) O apoio e a cumplicidade de setores da elite econômica com o regime autoritário.

18ª QUESTÃO

[...] a luta era ampla, contra um sistema, um regime, não contra os agentes da repressão, que era uma luta política, não pessoal.

Marighella, segundo o narrador, era contra as ações de vingança pessoal. Essa postura de Marighella se alinha à visão do narrador sobre:

- A) A necessidade de priorizar a luta armada como única forma de derrubar a ditadura.
- B) A irrelevância das ações individuais na construção de um movimento de resistência.
- C) A importância de focar na transformação estrutural da sociedade, em vez de revanchismos individuais.
- D) A superioridade da luta ideológica sobre qualquer forma de ação prática ou direta.

TRECHO IV

A água que não era mais do mar

Em fevereiro de 2014 nasceu meu filho. Talvez, de alguma forma, ele vá se lembrar de quando nasceu: verá fotos e filmes de como era gostoso fazer da minha barriga um tambor, da minha perna, uma escada, da minha cadeira de rodas, um andador, e de como ele gargalhava quando eu assoprava seu cabelo, colocava um chapéu em mim e depois nele, de como ele parava o que estava fazendo para ver os comerciais das Casas Bahia ou dançar na música de abertura do Jornal Nacional, do prazer em ouvir qualquer música, que começou quando nenê e que descobri casualmente: música era a única coisa que o fazia parar de chorar, como uma injeção de ondas harmônicas de opiáceos pelo ouvido.

Dizem que bebês escutam no útero, e que a audição é o primeiro sentido aprimorado das nossas vidas. Ele gosta de bandas que estavam no line-up do Lollapalooza em que eu e minha mulher ficamos no gargarejo, no local privilegiado de deficientes com direito a acompanhante (The Black Keys, Alabama Shakes e Kaiser Chiefs). Gosta e se lembra de bandas que ouviu no meu colo, como Arcade Fire e Arctic Monkeys. Ou dos clipes de “gostasas” que assistíamos pelo YouTube, como Madonna, Shakira, Rihanna, Beyoncé e Britney Spears, até ele parar de chorar. Eu juro que ele gostava e provei a todos os amigos (especialmente à mãe), sem perceber a projeção paterna e a inversão: quanto mais gostosa, pior a música. Até o dia em que, sem querer, coloquei Sammy Davis Jr. e o vi despertar de um pesadelo sonoro, abrir a boca espantado, encantar-se pela qualidade musical do artista. Passei a investir no jazz dos anos 40, 50, e ele ficava cada vez mais embasbacado. Chegou ao êxtase quando ouviu Tom Jobim. Com um ano de idade, foi enfim tragado pelas bandas infantis que misturam ritmos, diversão, mensagens didáticas e não economizam nas guitarras: Pequeno Cidadão e Palavra Cantada. Toda vez que precisávamos acalmá-lo, distraí-lo, ocupar seu tempo, me pediam para colocar os (mesmos) clipes do Pequeno Cidadão e da Palavra Cantada. Ele se lembrará disso no futuro?

Eu me lembro da primeira música que aprendi ainda na pré-escola, Serelepe, casinha que ficava numa travessa da Rebouças, de cujo pátio também me lembro bem: “Espinafre é gostoso e ferro contémmmmm”. O “mmmm” era prolongado até perdermos o fôlego. Me lembro da abertura de Bat Masterson (“No Velho Oeste ele nasceu, e entre bravos se criou, seu nome lenda se tornouoou, Bat Masterson, Bat Masterson...”), de Vigilante Rodoviário (“De noite ou de dia, firme no volante, vai pela rodoviiiiia, bravo Vigilante”) e do incompreensível e hipnótico tema de National Kid, cujo refrão era a única coisa que entendíamos (“Hei, Nacionaro Kido, Ki-do!, Nacionaro Ki-i-dooo”). Se me lembro de tudo isso, meu filho se lembrará do refrão “o Sol pediu a Lua em casamento, e a Lua disse não sei, não sei, me dá um tempo”, do Pequeno Cidadão. Assim como minha mãe no estágio avançado do Alzheimer canta, quando meu cunhado Daniel toca para ela no violão, “Aquarela do Brasil”, “Samba do avião”, “Night and Day”, “Volare” e chora de emoção.

Me lembro de coisas da infância porque vejo fotos. Como da vez em que colocaram em mim um capacete verdadeiro de bombeiro, profissão que por muitos anos planejei ter. Está registrado, tem foto, então tenho certeza de que aconteceu. Ou será que está na memória porque há um registro do momento? Me lembro das festas de São João da Serelepe, em que minha mãe me fantasiava de caipira da cabeça aos pés, com chapéu de palha, camisa xadrez, calça erguida

como um pequeno Mazzaropi. Até no bigode de rolha queimada ela caprichava. Lembro porque há muitas fotos da quadrilha em que eu danço com minha irmã Nalu, uma coreografia nitidamente ensaiada, cercados por monitores que organizam o casamento na roça, a fuga da cobra e da chuva. Mas não me lembro com clareza. Vejo as fotos.

Me lembro até hoje com precisão de um evento da categoria dos Traumáticos Para a Vida Toda, capaz de modificar a personalidade de um indivíduo sensível e inseguro. Foi no Rio de Janeiro, quando eu tinha seis anos e era recém-chegado e recém-matriculado no Colégio Andrews. Na primeira festa de São João da escola, lá foi o pequeno Mazzaropi paulistano: chapéu, camisa xadrez, calça encurtada. Acontece que, no Rio, ninguém se fantasiava de caipira em festas de São João. Muitos vieram me perguntar por que meu rosto estava sujo. Não tinham ideia da complicada operação que era desenhar um bigode com uma rolha queimada.

Nunca perdoei minha mãe por esse fora cultural. E até hoje tenho trauma de festas à fantasia. Não vou nem arrastado: tenho medo de, como num pesadelo, ser o único a aparecer a caráter.

Me explica rápido: por que velhos com demência se esquecem das coisas vividas horas antes e passam a se lembrar das vividas na infância? Chamam filhos pelos nomes de irmãos, veem netos e acham que são sobrinhos ou filhos, amigos antigos, confundem o marido com ex-namorados, parentes vivos com os já mortos, contam piadas infantis, riem de brinquedos e cantam canções de ninar com requinte de especialista.

A intensidade de uma lembrança é diretamente proporcional à sua antiguidade. As recém-chegadas somem antes daquelas de que lembramos muitas vezes na vida, as adquiridas. Quanto mais antiga e primitiva, mais estável ela é. As últimas se vão primeiro.

Meu filho nasceu às 8h45. Me lembro e me lembrarei de cada segundo do seu parto. Me lembro de ver sua cabecinha saindo. De ele balançar os bracinhos na luz. De eu chorar sem sair lágrimas. Ou de sair lágrimas sem eu chorar. Duvido que me esquecerei de algum detalhe desse dia milagroso. Existir é passar de um estado para outro: tenho fome, como, tenho frio, me agasalho, estou alegre, e agora triste, e depois estarei alegre, penso e chego a conclusões, me lembro de algo que me toca o coração, sinto um cheiro que me lembra alguém, sinto um gosto que me lembra um lugar, me emociono. Emocionar-se é passar de um estado para o outro. Você vê um quadro hoje. Vê o quadro de novo daqui a dez anos, o revê daqui a vinte, trinta, quarenta... É o mesmo quadro com a mesma moldura, na mesma parede do mesmo museu, com a mesma luz, é você, mas cada vez será visto de outra forma. Cada vez ele nos conta uma história. O quadro não mudou. Já nós...

19ª QUESTÃO

[...] fazer da minha barriga um tambor, da minha perna, uma escada, da minha cadeira de rodas, um andador [...]

No fragmento, o autor emprega uma figura de linguagem que estabelece uma relação de semelhança implícita entre elementos distintos. Essa figura é a:

- A) Hipérbole
- B) Metáfora
- C) Comparação

D) Personificação

20ª QUESTÃO

[...] injeção de ondas harmônicas de opiáceos pelo ouvido [...]

A passagem estabelece uma fusão de sensações, atribuindo à audição características de outro sentido, além de um efeito físico. A figura de linguagem que melhor descreve essa construção é a:

- A) Sinestesia
- B) Eufemismo
- C) Metáfora
- D) Ironia

21ª QUESTÃO

A narrativa em primeira pessoa, aliada à profunda exploração de sentimentos e recordações pessoais, confere ao discurso predominante no texto um caráter marcadamente:

- A) Jornalístico, pela objetividade dos fatos.
- B) Científico, pela análise de dados e teorias.
- C) Confessional e reflexivo, pela subjetividade e introspecção.
- D) Argumentativo, pela defesa de um ponto de vista.

22ª QUESTÃO

A estratégia narrativa que intercala memórias do filho, da infância do narrador e ponderações sobre a memória da mãe com Alzheimer evidencia uma predileção pela:

- A) Linearidade temporal dos eventos.
- B) Fragmentação e a subjetividade da memória.
- C) Descrição detalhada de ambientes.
- D) Construção de um enredo de suspense.

23ª QUESTÃO

O emprego de referências culturais como "*Casas Bahia*", "*Jornal Nacional*", "*Lollapalooza*" e programas televisivos de outrora, no texto, tem como principal função:

- A) Limitar a compreensão do texto a um público específico.
- B) Criar um senso de familiaridade e contextualizar a experiência do narrador.
- C) Criticar o consumo de massa e a cultura pop.
- D) Estabelecer um tom formal e distanciado da realidade.

24ª QUESTÃO

A contraposição entre as menções a eventos musicais contemporâneos, como "Lollapalooza", e referências a programas televisivos antigos, como "Bat Masterson" e "National Kid", no texto, ilustra primordialmente:

- A) A preferência do narrador por músicas estrangeiras.
- B) A evolução da indústria musical ao longo das décadas.
- C) A coexistência de diferentes gerações e seus universos culturais.
- D) A nostalgia do narrador por um passado idealizado.

25ª QUESTÃO

A abordagem da memória e do Alzheimer da mãe, em conjunto com a especulação sobre as futuras lembranças do filho, estabelece uma pertinente conexão com a problemática contemporânea da:

- A) Obsessão por novas tecnologias.
- B) Importância da preservação ambiental.
- C) Fragilidade da memória e a construção da identidade através dela.
- D) Busca por uma vida mais saudável e equilibrada.

26ª QUESTÃO

Me lembro de coisas da infância porque vejo fotos. (...) Ou será que está na memória porque há um registro do momento?

A indagação do narrador, no fragmento acima, propõe uma reflexão acerca da intrínseca relação entre:

- A) Memória afetiva e memória fotográfica.
- B) Memória individual e memória coletiva.
- C) Memória voluntária e memória involuntária.
- D) Memória de curto prazo e memória de longo prazo.

27ª QUESTÃO

O episódio traumático da festa de São João no Rio de Janeiro, no qual o narrador experimentou um profundo sentimento de deslocamento, ilustra de que maneira a memória pode:

- A) Ser facilmente apagada com o tempo.
- B) Moldar a identidade e influenciar comportamentos futuros.
- C) Ser totalmente reconstruída pela imaginação.
- D) Depend exclusivamente de registros externos.

28ª QUESTÃO

Ao indagar "Ele se lembrará disso no futuro?" e "Me explica rápido: por que velhos com demência se esquecem das coisas vividas horas antes e passam a se lembrar das vividas na infância?", o narrador se engaja em um processo de:

- A) Buscando informações externas para a sua narrativa.
- B) Refletindo sobre o próprio ato de narrar e a natureza da memória.
- C) Interagindo diretamente com os personagens da história.
- D) Apresentando um novo enredo para o leitor.

29ª QUESTÃO

[...] o Sol pediu a Lua em casamento, e a Lua disse não sei, não sei, me dá um tempo.

Na construção acima, a atribuição de ações e sentimentos humanos a elementos da natureza configura a figura de linguagem conhecida como:

- A) Comparação
- B) Antítese
- C) Personificação
- D) Eufemismo

30ª QUESTÃO

O tom intimista e a constante divagação do narrador, que perpassa distintas temporalidades e reflexões de cunho pessoal, acentuam o caráter predominante do texto como:

- A) Impessoal e objetivo da narrativa.
- B) Subjetivo e ensaístico do texto.
- C) Descritivo e informativo da prosa.
- D) Didático e instrutivo da obra.

31ª QUESTÃO

A opção do autor por iniciar o texto com a enigmática frase "A água que não era mais do mar" e, posteriormente, apresentar o nascimento do filho, revela uma estratégia narrativa que visa:

- A) Criar um mistério a ser desvendado ao longo da obra.
- B) Estabelecer um contraste poético com o tema da vida e da memória.
- C) Apresentar uma metáfora complexa sobre a passagem do tempo.
- D) Todas as alternativas anteriores.

32ª QUESTÃO

No contexto da discussão sobre o Alzheimer da mãe, a assertiva "**A intensidade de uma lembrança é diretamente proporcional à sua antiguidade**" sugere que:

- A) As memórias mais recentes são as mais duradouras.
- B) A identidade é construída principalmente pelas experiências da velhice.
- C) As memórias mais antigas são as mais resistentes ao esquecimento.
- D) A memória é um processo estático e imutável.

33ª QUESTÃO

É o mesmo quadro com a mesma moldura... é você, mas cada vez será visto de outra forma. Cada vez ele nos conta uma história. O quadro não mudou. Já nós...

Ao discorrer sobre a experiência de revisitar um quadro ao longo da vida, o narrador propõe uma reflexão sobre:

- A) A imutabilidade da arte ao longo do tempo.
- B) A forma como a percepção e a interpretação do observador mudam, influenciando a "história" contada pela obra.
- C) A necessidade de visitar museus frequentemente para apreciar a arte.
- D) A importância da moldura na valorização de uma obra de arte.

34ª QUESTÃO

No contexto do livro *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, o título da obra expressa, sobretudo, a ideia de:

- A) superação completa das perdas provocadas pelo tempo e pela doença.
- B) permanência da identidade, mesmo diante de processos de apagamento.
- C) negação da fragilidade humana frente às adversidades.
- D) recuperação integral da memória como forma de resistência.

TRECHO V

O golpe de 64 começou mesmo em 25 de agosto de 1961, quando Jânio renunciou de surpresa. Os militares e a direita sentiram que se abria a oportunidade perdida antes, abortada com o suicídio do Getúlio. Meus pais estavam em Moscou. Era uma época em que muitos iam à União Soviética conhecer a "tecnologia de ponta", e as propagandas maravilhosas do mundo socialista. O que mais chamou a atenção da minha mãe era que em cada andar o hotel havia uma gerente mulher, que mandava, e ninguém aceitava gorgeta, vício capitalista. No hotel, viram na TV que falavam do Brasil, viram fotos de Janio, mas não entenderam nada. Acontecera algo sério. Meu pai pegou um táxi e foi encontrar estudantes brasileiros, que lhes traduziram as notícias surpreendentes.

35ª QUESTÃO

Meu pai pegou um táxi e foi encontrar estudantes brasileiros, que lhes traduziram as notícias surpreendentes

Os mecanismos de coesão contribuem para a articulação entre as informações e a progressão do relato. No trecho, o pronome “lhes” estabelece relação coesiva ao retomar:

- A) “estudantes brasileiros”.
- B) “meu pai”.
- C) “meus pais”.
- D) “os militares e a direita”.

36ª QUESTÃO

[...] viram fotos de Jânio, mas não entenderam nada. Acontecera algo sério.

No fragmento acima, observa-se o emprego de diferentes recursos coesivos responsáveis pela progressão das informações. A relação de coesão estabelecida entre as duas frases ocorre por meio de:

- A) retomada anafórica explícita, com repetição de termos já mencionados.
- B) conexão causal marcada por conjunção explicativa.
- C) elipse de informações, que são recuperadas pelo contexto.
- D) substituição lexical por sinônimo avaliativo.

37ª QUESTÃO

No trecho do livro *Ainda Estou Aqui*, a frase "**Acontecera algo sério**" sugere a presença de um narrador que:

- A) relata apenas os eventos externos, sem se aprofundar nos sentimentos dos personagens.
- B) tem acesso aos pensamentos e emoções dos personagens, revelando a gravidade da situação.
- C) apresenta uma visão limitada, apenas observando o que acontece sem interpretar os fatos.
- D) se dirige diretamente aos personagens, influenciando suas decisões e ações.

38ª QUESTÃO

O golpe de 64 começou mesmo em 25 de agosto de 1961, quando Jânio renunciou de surpresa. Os militares e a direita sentiram que se abria a oportunidade perdida antes, abortada com o suicídio do Getúlio. Meus pais estavam em Moscou.

No excerto, o uso da vírgula antes de "quando Jânio renunciou de surpresa" tem a função de:

- A) separar orações coordenadas que têm a mesma função sintática.
- B) indicar a elipse de um termo que poderia ser repetido.
- C) introduzir uma oração subordinada adverbial, explicando ou detalhando a oração principal.
- D) marcar a interrupção do raciocínio, criando um efeito de suspense.

TRECHO VI

O contrabando e o jogo do bicho se associaram a agentes da repressão e se fortaleceram. O crime organizado nasceu. A promiscuidade entre polícia e bandido, tema do filme Lúcio Flávio, o passageiro da agonia, consolidou-se. O Comando Vermelho surgiu num presídio da Ditadura. Em 15 de março de 1985, ao terminar, ela deixou uma inflação que virou hiper, (a acumulada de 1984 foi de 223,90%), uma moeda desvalorizada (um dólar valia 4160 cruzeiros) e uma dívida externa que nos levou à moratória (o FMI suspendeu em fevereiro de 1985 o crédito Brasil, que não cumpria as metas depois de sete tentativas). Outra herança: o desmantelamento do ensino público.

39ª QUESTÃO

No trecho VI, o narrador estabelece uma relação entre o período da Ditadura e consequências que se estendem para além do regime. A principal estratégia discursiva utilizada para construir essa crítica consiste em:

- A) destacar apenas os avanços econômicos do período, relativizando seus efeitos sociais.
- B) enumerar efeitos sociais, econômicos e institucionais como herança negativa do regime.
- C) narrar episódios individuais para humanizar os agentes da repressão.
- D) defender explicitamente a atuação do Estado como necessária à ordem social.

40ª QUESTÃO

O contrabando e o jogo do bicho se associaram a agentes da repressão e se fortaleceram.

No trecho acima, o uso do pronome “se” indica:

- A) reciprocidade, indicando ação mútua entre os termos coordenados.
- B) valor apassivador, transformando o sujeito em paciente da ação.
- C) indeterminação do sujeito, sem referência definida.
- D) reflexividade, indicando que os sujeitos praticam e recebem a ação.

41ª QUESTÃO

A promiscuidade entre polícia e bandido [...] consolidou-se.

No contexto do trecho, a escolha da palavra “promiscuidade” contribui para:

- A) suavizar a relação entre as partes, sugerindo ambiguidade moral.
- B) atribuir neutralidade à interação entre instituições e criminalidade.
- C) intensificar o julgamento negativo da relação entre agentes da lei e criminosos.
- D) restringir a crítica ao campo econômico, sem implicações sociais.

42ª QUESTÃO

No trecho, a sequência **“uma inflação que virou hiper”, “uma moeda desvalorizada” e “uma dívida externa que nos levou à moratória”** constrói um efeito de sentido de:

- A) intensificação progressiva da crise econômica herdada do período.
- B) equilíbrio econômico, com alternância entre perdas e ganhos financeiros.
- C) neutralidade descritiva, com dados apresentados sem avaliação implícita.
- D) valorização da política econômica adotada ao final do regime.

43ª QUESTÃO

No trecho, a expressão **“Outra herança: o desmantelamento do ensino público”** contribui para a construção de um sentido de:

- A) valorização do legado histórico, ressaltando aspectos positivos do período.
- B) uso irônico do termo, ao associar “herança” a consequências negativas.
- C) neutralidade avaliativa, limitando-se à descrição de fatos históricos.
- D) ruptura com a ideia de continuidade entre passado e presente.

TRECHO VII

Todo mundo que era contra a ditadura era comunista. Todos se tornaram suspeitos. O comunista estava na fronteira, atrás da porta, na sombra, na igreja, na escola, no cinema, no teatro, na música, no Exército, o comunista vendia pipoca, estava disfarçado em balés, óperas, podia ser seu vizinho, podia estar debaixo da sua cama, poluir o reservatório de água, dopar os bebedouros. Os comunistas tomariam o poder. Até os não comunistas eram comunistas disfarçados, foram doutrinados, sofreram lavagem cerebral. Muitos que, em 1964, conspiraram com os militares, na missão de impedir que comunistas tomassem o poder e o Brasil se transformasse numa diabólica ditadura do proletariado, perceberam a amanobra e foram acusados pelos anticomunistas de ligações com comunistas.

44ª QUESTÃO

Para descrever a paranoia anticomunista, o autor utiliza um recurso semântico que amplia a percepção de perigo. Esse recurso é:

- A) Eufemismo, ao suavizar a presença dos agentes políticos na sociedade.
- B) Antítese, ao contrapor o espaço público da escola com o espaço privado da cama.

- C) Hipérbole, ao exagerar a onipresença do "inimigo" para caracterizar o medo irracional.
- D) Metalinguagem, ao explicar o significado político do termo "comunista" para o leitor.

45ª QUESTÃO

A situação descrita no fragmento revela uma relação semântica de ironia baseada no fato de que:

- A) os comunistas de fato tomaram o poder através de manobras secretas.
- B) os próprios aliados do golpe foram vítimas da retórica de perseguição que criaram.
- C) os militares não sabiam distinguir entre aliados e inimigos políticos no país.
- D) o termo "anticomunista" passou a ser um sinônimo de "aliado fiel" após o AI-5.

46ª QUESTÃO

O comunista estava na fronteira, atrás da porta, na sombra, na igreja, na escola, no cinema, no teatro, na música, no Exército, o comunista vendia pipoca, estava disfarçado em balés, óperas, podia ser seu vizinho, podia estar debaixo da sua cama...

A progressão textual é responsável pela continuidade e pelo desenvolvimento das ideias em um texto. No trecho, o principal mecanismo de coesão sequencial empregado é:

- A) uso de conectores adversativos que estabelecem oposição entre as ideias.
- B) repetição de estruturas sintáticas que produzem efeito de continuidade e acumulação.
- C) substituição pronominal que evita a repetição de termos já mencionados.
- D) emprego de conjunções conclusivas que encerram a progressão argumentativa.

TRECHO VIII

Se não fosse o golpe, será que eu me criaria em Brasília? O que seria de nós sem o golpe? O que seria do Brasil? Seria possível o Brasil resistir à tendência dos anos 60-70, quando países do continente se transformaram em ditaduras de direita, peças do jogo de dominó da Guerra Fria?

47ª QUESTÃO

No trecho VIII, o uso sucessivo de pontos de interrogação no trecho acima produz um efeito de sentido que:

- A) revela a hesitação do narrador quanto à veracidade dos fatos narrados.
- B) Marca o caráter especulativo e reflexivo do texto sobre o impacto do golpe na vida privada e pública.
- C) indica que o narrador desconhece as respostas, delegando a interpretação ao leitor.
- D) demonstra a agressividade da criança diante das mudanças impostas pela ditadura.

48ª QUESTÃO

Leia o seguinte fragmento:

“O golpe sofreu um golpe. A ditadura se impôs sobre a ditadura. Ela encontrou o seu projeto e se firmou.”

O excerto acima utiliza a polissemia da palavra “golpe” e um paradoxo para explicar que:

- A) Houve um endurecimento interno do regime (AI-5), onde a ala mais radical suprimiu qualquer vestígio de moderação anterior.
- B) o governo de João Goulart tentou derrubar os militares antes de 1964.
- C) a ditadura brasileira foi interrompida por um golpe vindo de potências estrangeiras.
- D) Os militares decidiram democraticamente encerrar o regime após sofrerem pressões civis.

49ª QUESTÃO

Leia os seguintes fragmentos presentes na obra de Marcelo Rubens Paiva:

- (I) ***“14 de julho de 2013. Rocinha, Zona Sul carioca. Amarildo Dias de Souza, pedreiro, foi preso por policiais militares, levado até a sua casa e depois para a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) instalada na Rocinha.”***
- (II) ***“No Leblon, Zona Sul carioca, meu pai, engenheiro, foi preso por militares em casa e levado a unidades da Aeronáutica e depois do Exército.”***

A comparação estabelecida entre o caso de Rubens Paiva (1971) e o de Amarildo (2013) permite ao autor concluir que:

- A) a violência do Estado e o desaparecimento forçado persistem como práticas institucionais.
- B) a classe social das vítimas determina a eficiência da investigação policial no Brasil.
- C) O Exército brasileiro tornou-se mais democrático ao lidar com casos de desaparecimento no século XXI.
- D) não há semelhanças factuais entre os crimes cometidos em 1971 e os da atualidade.

50ª QUESTÃO

Memória lembra dunas de areia, grãos que se movem, transferem-se de uma parte a outra, ganham formas diferentes, levados pelo vento.

A pontuação (uso de vírgulas) no fragmento acima é um recurso que:

- A) Interrompe o fluxo de pensamento, sugerindo que a memória é estática e imutável.
- B) Separa opiniões do narrador de fatos narrados por terceiros no texto.
- C) Indica uma enumeração de fatos históricos comprovados por documentos oficiais.

D) Mimetiza o movimento constante e instável das lembranças, reforçando a imagem verbal das dunas.

51ª QUESTÃO

O fotógrafo reclamava: fiquem mais sérios, mais tristes [...] Não conseguimos. Ou não queríamos. A irreverência sempre nos inspirou.

Ao contrapor o pedido do fotógrafo com a atitude da família, o narrador estabelece uma articulação de ideias baseada no:

- A) Comparação de inferioridade entre a família Paiva e outras famílias de presos políticos.
- B) Fato de que a família estava genuinamente feliz com o desaparecimento do pai.
- C) Contraste entre a expectativa externa de vitimização e a postura de resistência e dignidade da família.
- D) Conclusão de que a revista Manchete era um órgão oficial de resistência contra a ditadura.

52ª QUESTÃO

Imaginar este sujeito boa-praça, um dos mais simpáticos e risonhos que muitos conhecem, aos quarenta e um anos, nu, apanhando até a morte... É a peste, é a peste, Augustin. Dizem que ele pedia água a todo momento. No final, banhado em sangue, repetia apenas o nome. Por horas. Rubens Paiva. Rubens Paiva. Ru-bens Pai-va, Ru... Pai. Até morrer.

No final do fragmento acima, ao proferir “É a peste, Augustin - Perdão, tenho que morrer”, o narrador utiliza recursos gráficos e de pontuação para descrever o momento final de seu pai. A fragmentação silábica e o uso das reticências e pontos finais sugerem:

- A) O emprego de uma métrica poética que visa conferir sonoridade ao texto, transformando o nome próprio em um refrão lírico de saudade.
- B) O processo de desintegração física e a resistência da identidade da vítima durante a tortura até o silêncio final.
- C) A representação de uma falha de memória do narrador adulto, que demonstra dificuldade em reconstruir a imagem completa da figura paterna ausente.
- D) Um recurso de ênfase retórica que busca destacar a importância do sobrenome familiar na trajetória política brasileira daquela década.

53ª QUESTÃO

No fragmento “**Não sei a data exata em que ela descobriu a verdade. Foi quando parou de sorrir por muitos anos. Foi a gota d'água: não tínhamos mais nada o que fazer no Rio. Nos mudamos para Santos**”, a relação entre os enunciados constrói um efeito de sentido que evidencia:

- A) a imprecisão temporal como irrelevante diante do impacto emocional da descoberta.
- B) a mudança de cidade como uma decisão planejada previamente pela família.
- C) a descoberta da verdade como um evento de pouca importância prática.

D) o distanciamento afetivo do narrador em relação ao sofrimento da personagem.

TRECHO IX

Não nos lembramos das primeiras imagens e feitos da vida: do leite do peito, das grades do berço, do móbile que se mexe sozinho magicamente, de nos virar, não conseguir desvirar e chorar até alguém acudir, de como jogar as perninhas pro lado, nos virar e desvirar sozinhos, o primeiro movimento que revela um domínio corporal relevante da vida, do qual nos orgulhamos imensamente, como nos erguer no berço, na cama dos pais, no chão, da primeira vez que ficamos em pé, apoiados na parede, o segundo movimento de domínio corporal do qual nos orgulhamos imensamente, de jogar brinquedos para fora do berço, de quem são papá e mamã, de apertar bonecos que dizem “você é meu amigo”, “coraaaação”, “quem tá feliz bata palmas”, de que chorar é recompensador, do fascinante interruptor que acende e apaga a luz, do mundo dos vários botões ao redor, do mundo em que passam aviões no céu, e há tomadas, o papel rasga, a impressora cospe papel, a gaveta abre e fecha, abre e fecha, e há gavetas por todos os lados, de ligar a TV, de chamar o elevador, das teclas do telefone e computador e controle remoto, do primeiro contato com o magnífico celular, que toca música, e de uma queda livre sem apoio que com o tempo se transforma em caminhar e é aprimorada, um movimento que todo mundo incentiva e adora e bate palmas pra ele.

54ª QUESTÃO

No trecho IX, o narrador enumera uma série de ações e objetos cotidianos da primeira infância, como **“jogar brinquedos para fora do berço”** ou **“o fascinante interruptor que acende e apaga a luz”**. A principal estratégia discursiva utilizada nessa enumeração para caracterizar a experiência infantil é a:

- A) ironia sobre a futilidade das descobertas iniciais.
- B) idealização da criança como um ser desprovido de lógica.
- C) valorização do aprendizado sensorial e do domínio do mundo.
- D) crítica à dependência tecnológica presente desde o nascimento.

55ª QUESTÃO

No entanto, não nos lembraremos de nada disso anos depois. Não nos lembramos de nada disso, mas nos lembramos do triciclo que ganhamos aos três ou quatro anos (...)

Nesse fragmento, o autor estabelece um contraste entre dois tipos de memória. A natureza da memória que se perde, em oposição àquela que permanece, é definida pela seguinte característica:

- A) organicidade do instinto físico.
- B) complexidade do trauma emocional.
- C) amnésia seletiva causada pelo amadurecimento.
- D) descontinuidade entre o vivido e o recordado conscientemente.

56ª QUESTÃO

Observe o excerto:

“Saberá disso porque contaremos, porque nas primeiras fotos das primeiras festas (...) ele aparece de camisa levantada apontando o seu umbigo fenomenal.”

Ao longo da narrativa, o narrador indica que a construção da identidade e da memória do filho dependerá de fatores externos. Esses fatores podem ser compreendidos como:

- A) registros biológicos imutáveis.
- B) mediações narrativas e familiares.
- C) heranças genéticas do comportamento.
- D) imposições sociais sobre o comportamento infantil.

57ª QUESTÃO

A memória é uma mágica não desvendada. Um truque da vida. Uma memória não se acumula sobre outra, mas ao lado. A memória recente não é resgatada antes da milésima. Elas se embaralham. Minha mãe, com Alzheimer, não se lembra do que comeu no café da manhã. Minha mãe, com Alzheimer, vê meu filho de um ano, que é a minha cara, e o reconhece.

No excerto acima, extraído da obra de Marcelo Rubens Paiva, *Ainda Estou Aqui*, observa-se o uso recorrente da palavra “memória” em diferentes contextos. A repetição da palavra, mostra um fenômeno semântico característico da língua portuguesa.

Esse fenômeno consiste em:

- A) Uso de palavras com sentidos contrários em um mesmo contexto.
- B) Substituição de uma palavra por outra de significado igual.
- C) Uso de uma mesma palavra com sentido único ao longo de todo o texto.
- D) Multiplicidade de sentidos atribuídos a um mesmo termo conforme o contexto.

58ª QUESTÃO

Minha mãe, com Alzheimer, não se lembra do que comeu no café da manhã. Minha mãe, com Alzheimer, vê meu filho de um ano, que é a minha cara, e o reconhece.

O contraste de ideias presente no excerto acima cria um efeito de:

- A) Ambiguidade
- B) Antítese
- C) Denotação
- D) Metalinguagem

59ª QUESTÃO

Leia o fragmento a seguir e responda:

“Me lembro do cheiro de que ia chover e do agito em torno do fórum. Ela já tinha feito aquele caminho centenas de vezes. Mas, se a soltássemos ali, sozinha, naquela tarde abafada, ela estancaria e não saberia o caminho de volta. Se perderia num raciocínio circular, sob uma enchente de imagens, sinapses, comandos, lembranças, que inundariam seu cérebro, fariam do conhecido, desconhecido, resultariam numa só pergunta: — O que estou fazendo aqui?”

Ao descrever que a mãe “não saberia o caminho de volta”, mesmo em um lugar conhecido, o narrador constrói:

- A) Uma valorização da rotina como elemento de segurança emocional.
- B) Evidenciar a ruptura entre experiência passada e percepção presente.
- C) Um efeito de humor involuntário.
- D) A crítica à repetição mecânica dos trajetos urbanos cotidianos.

60ª QUESTÃO

Essa repetição, aliás, é um alerta: é quando a família recebe os primeiros sinais de que os pensamentos de quem repete não seguem uma rota contínua.

Ao utilizar a expressão “rota contínua” para descrever o funcionamento mental no excerto acima, o autor visa:

- A) Enfatizar a velocidade do pensamento
- B) Ironizar a dificuldade de comunicação
- C) Contrastar a linearidade da memória saudável
- D) Personificar a desorientação dos doentes

61ª QUESTÃO

Li em Putas assassinas, de Roberto Bolaño: “Uma rajada de vento que só atravessa sua imaginação borra as casas do bairro de que se lembra. Depois de se barbear, B vai à janela e observa as fachadas vizinhas. Tudo está igual a ontem...”

No excerto transcrito, o narrador utiliza um recurso expressivo da linguagem conhecido como:

- A) Verossimilhança
- B) Intertextualidade
- C) Metalinguagem
- D) Polifonia

62ª QUESTÃO

Existir é passar de um estado para outro: tenho fome, como, tenho frio, me agasalho, estou alegre, e agora triste, e depois estarei alegre, penso e chego a conclusões (...) sinto um gosto que me lembra um lugar, me emociono.

No excerto, o polissíndeto formado pela conjunção “e” contribui para a construção do sentido geral de:

- A) Acúmulo de experiências vitais, gradação
- B) Contradição da experiência humana, antítese
- C) Ultra projeção da experiência existencial, hipérbole
- D) Monotonia da experiência humana, reiteração

63ª QUESTÃO

O triângulo ali exposto representava bem a reconciliação.

No relato sobre o abraço entre Eunice e o general Alberto Cardoso, o termo "triângulo" refere-se ao simbolismo político do momento. De acordo com o texto, os vértices desse triângulo seriam representados por:

- A) A família Paiva, o Exército e o Governo Federal.
- B) Os militares da "linha dura", a VPR e o Ministério Público.
- C) O passado da ditadura, o presente da democracia e o futuro do país.
- D) A dor das vítimas, o reconhecimento do Estado e a instituição militar.

64ª QUESTÃO

Sabemos muito bem que o terror que reinou no país foi obra de parte dos militares. Sabemos muito bem que não se fazem generalizações em acirramento ideológico.

No excerto acima, a repetição da expressão "Sabemos muito bem" cumpre uma função argumentativa específica. Esse recurso linguístico visa:

- A) Demonstrar a incerteza do narrador sobre os fatos históricos.
- B) Reforçar a autoridade do relato através de uma verdade compartilhada.
- C) Criar um efeito de ambiguidade quanto aos responsáveis pela ditadura.
- D) Introduzir uma opinião subjetiva sem base em fatos reais.

65ª QUESTÃO

Sempre soubemos que o nosso inimigo não vestia farda. Era um regime, não uma carreira.

Ao estabelecer o contraste entre "regime" e "carreira", o autor utiliza um recurso coesivo para:

- A) Identificar os militares como os únicos vilões da história.
- B) Personificar a instituição militar como um ser dotado de vontade.

- C) Distinguir a estrutura política autoritária da profissão exercida pelos indivíduos.
- D) Utilizar uma metáfora que iguala a farda ao caráter do personagem.

66ª QUESTÃO

Vi durante a vida minha mãe se arrumar, desfilar, ir e vir do espelho, ir e vir do banheiro, testar combinações, se maquiar, se pentear [...]

No excerto acima, a repetição da estrutura verbal no infinitivo indica:

- A) ações pontuais e isoladas.
- B) sequência de hábitos e ações recorrentes ao longo do tempo.
- C) dúvida do narrador sobre os fatos.
- D) linguagem técnica e formal.

67ª QUESTÃO

[...] Foram dois meses de luxo, tomando um café da manhã nababesco, nos deleitando na piscina e correndo pelos corredores.

No excerto, as formas verbais no gerúndio indicam:

- A) ações futuras planejadas.
- B) ações hipotéticas.
- C) ações simultâneas e contínuas em relação ao período descrito.
- D) interrupção das ações principais.

68ª QUESTÃO

No fragmento “[...] **mas era como se eu estivesse numa vila pacata.**”, a expressão “**como se eu estivesse [...]**” indica:

- A) uma afirmação objetiva da realidade.
- B) uma comparação com ideia hipotética ou subjetiva.
- C) uma certeza absoluta do narrador.
- D) uma ação futura planejada.

69ª QUESTÃO

Ao afirmar que “**As incongruências do regime se ampliaram. Ele endurecia e censurava, empastelava e prendia, proibia peças e livros, mas não a pornochanchada, na carona da revolução sexual**”, o autor constrói uma crítica ao regime por meio de um contraste de ideias. Esse contraste evidencia principalmente:

- A) a eficiência do regime em controlar todas as formas de expressão cultural.
- B) a incoerência nas práticas de censura adotadas pelo regime.

- C) o apoio do regime às manifestações culturais populares.
- D) a valorização da liberdade artística em diferentes áreas.

70ª QUESTÃO

Leia o fragmento abaixo:

“Minha mãe nunca foi a uma reunião de pais e mestres nas escolas em que estudei, no Rio e em São Paulo, não lia meus boletins nem meus trabalhos, o que me deixava perplexo, radicalmente decepcionado, me fazia sentir o mais abandonado dos alunos pela mais desinteressada das mães. Gesto que, por outro lado, me obrigou desde cedo a tentar resolver meus próprios problemas, batendo nas portas de quem eu poderia bater, de coordenadores, diretores, professores e amigos. Deixa eu fazer uma correção: minha mãe nunca foi a uma reunião de pais e mestres nas escolas em que estudei depois de ter ficado viúva aos quarenta e um anos. Tinha mais o que fazer. Confiava no bom senso das escolas e delegava aos cinco filhos a missão de zelarem pela própria educação”

O sentimento predominante do narrador, ao lembrar a ausência da mãe na vida escolar, demonstra:

- A) indiferença, por considerar a atitude da mãe natural
- B) revolta permanente, sem indício de reflexão posterior
- C) decepção inicial seguida de compreensão dos fatos
- D) orgulho pela autonomia conquistada pelos irmãos

71ª QUESTÃO

Leia o fragmento a seguir:

***“Na volta para casa, minha mãe fez um inquérito. Se dancei com a dona da festa, se agradei o convite, se me apresentei e me despedi dos donos da casa. Sim, mamãe. Fui fofo. Você se orgulharia de mim. Na época, eu era tão fofo que apareço em fotos amareladas nas festas de família dançando valsas com as minhas tias. Que sobrinho...
Um dia fiz uma descoberta incrível: nunca dancei com a minha mãe. Nunca a abracei de verdade.”***

A mudança súbita no discurso do narrador revela um processo de:

- A) Superação da infância vivenciada
- B) Racionalização ao tentar amenizar suas experiências
- C) Epifania decorrente de uma percepção profunda
- D) Romantização da relação materna

72ª QUESTÃO

Leia o fragmento abaixo e responda:

“Aos dezoito anos, eu fazia uma viagem longa de ônibus e trem pela Argentina com um amigo. Acabou o dinheiro. Não tínhamos para a volta. Liguei para a minha mãe, ela deu um jeito. No dia seguinte, tinha uma grana numa loja de câmbio. Ela não me deu uma dura, não me perguntou como pude gastar todo o dinheiro, fazer uma viagem mal planejada. Acabou o dinheiro porque acabou o dinheiro, aprendi a lição e pronto. Minha relação com ela era de uma objetividade abismal. Uma relação ideal, para quem vivia num imbróglio jurídico sem parâmetros e não tinha tempo para uma futilidade chamada afeto.”

O uso do termo “futilidade”, no contexto do trecho, indica:

- A) Eufemismo
- B) Ironia
- C) Hipérbole
- D) Indiferença

73ª QUESTÃO

Passamos a noite agarrados nos beijando debaixo de uma árvore. Me deu uma tontura demoníaca. Nunca tinha bebido tanto na vida.

A palavra “demoníaca”, no contexto apresentado, constitui um exemplo de:

- A) Eufemismo.
- B) Gradação.
- C) Hipérbole.
- D) Metáfora.

74ª QUESTÃO

Ela não era virgem. Então como estava conhecendo o sexo comigo? Talvez quisesse dizer que comigo conhecia o tesão. Ou, pior, que comigo foi consentido. Ou que eu era a sua escolha, que ela enfim tinha feito sexo com alguém que ela queria.

Considerando o trecho, a repetição da conjunção “ou” indica:

- A) Construção de hipóteses.
- B) Clareza em relação aos acontecimentos.
- C) Apresentação de argumentos.
- D) Confirmação de ideias.

75ª QUESTÃO

Leia o fragmento a seguir e responda:

Minha mãe pagou a consulta e não fez perguntas. Não sei se acreditou. Nem me mandou tomar cuidado da próxima vez. Nunca me mandou nada. Respeitava a minha privacidade como poucas mães respeitavam. O que não sei se é um elogio. Nunca mencionou um contraceptivo chamado camisinha. Quando minha irmã Babi ficou menstruada, foi minha irmã Eliana quem a levou ao ginecologista.

No excerto, ao refletir a respeito das atitudes da mãe, o narrador-personagem revela o seguinte ponto de vista:

- A) Liberdade dos filhos homens.
- B) Comportamento machista da mãe em relação às filhas.
- C) Igualdade de tratamento da mãe com o filho e as filhas.
- D) Relação de submissão entre mãe e filho.

76ª QUESTÃO

Desta vez, afirma o declarante, gostou de ver que a mãe, apesar de origem italiana, raciocinou como o filósofo grego de nome Aristóteles.

No trecho acima, o uso do conectivo “como” constitui um exemplo de:

- A) Metáfora.
- B) Personificação.
- C) Comparação.
- D) Hipérbole.

77ª QUESTÃO

Àquela altura, não sabíamos se meu pai estava vivo ou morto. Eu poderia voltar ao Rio. Não fazia sentido largar tudo para trás. Mas não voltei. Àquela altura, meses depois da prisão, minha mãe sabia que meu pai estava morto. Mas eu não.

No excerto, a repetição da expressão “Àquela altura” contribui para a construção de um efeito de sentido que revela:

- A) a imprecisão temporal dos acontecimentos narrados.
- B) a progressão temporal associada ao amadurecimento da percepção do eu narrador.
- C) a simultaneidade das ações vividas pelos personagens.
- D) a contradição entre o espaço vivido e o tempo psicológico.

TRECHO X

Trocar os nomes dos filhos, ela sempre trocou. Como qualquer mãe que tem cinco filhos e pensa em cinco coisas ao mesmo tempo. Esquecer o que estava fazendo, normal. Quem nunca esqueceu. Uma amiga que se hospedou conosco no Rio me perguntou confidencialmente:

— Sua mãe tem Alzheimer?

Ri, surpreso. Era como se perguntasse se minha mãe era astronauta e estivera nas missões Apollo. De onde você tirou isso? Olha, chequem direito, cuido da minha avó, que tem Alzheimer, estudei tudo da doença, sua mãe não está distraída, ela pode ter começado a desenvolver a doença.

Estranhamente, Nalu, que tinha passado uns dias com ela, reparou que ela estava confusa com contas e dinheiro, atrapalhava-se com algo com que era profundamente precavida. Nos avisou, antes de voltar pra Paris:

— Mamãe está tão estranha...

E estava mesmo. Certa vez, a vizinha da porta da frente do Rio contou que estava saindo, chamou o elevador, minha mãe a viu, papeou com ela, o elevador chegou, minha mãe falou que ia descer com ela. Só que estava de camisola. A vizinha a alertou. Ela ficou sem graça e disse que havia desistido de descer. A vizinha nos avisou.

— Sua mãe não está bem.

78ª QUESTÃO

No trecho X, qual elemento foi decisivo para que o narrador começasse a considerar seriamente a possibilidade de que sua mãe estivesse doente?

- A) O fato de a mãe trocar frequentemente o nome dos filhos, algo comum em famílias grandes.
- B) A pergunta feita pela amiga hospedada no Rio, que sugeriu diretamente a doença.
- C) O conhecimento prévio do narrador sobre Alzheimer, adquirido ao cuidar da avó.
- D) Os comportamentos incomuns observados por outras pessoas, como confusão com dinheiro e sair de camisola.

79ª QUESTÃO

Estranhamente, Nalu, que tinha passado uns dias com ela, reparou que ela estava confusa com contas e dinheiro, atrapalhava-se com algo com que era profundamente precavida. Nos avisou, antes de voltar pra Paris:

— Mamãe está tão estranha...

No fragmento acima, o autor utiliza diferentes recursos coesivos para articular as ideias. Assinale a alternativa que identifica corretamente um desses recursos e sua função no texto.

- A) O pronome “ela” em “reparou que ela estava confusa” retoma “Nalu”, garantindo a coesão referencial por anáfora.
- B) O advérbio “Estranhamente” atua como elemento coesivo sequencial, estabelecendo uma relação de conclusão entre a fala da amiga e o comportamento da mãe.

C) O conectivo “antes de voltar pra Paris” introduz uma circunstância temporal que organiza a sequência narrativa, ligando a ação de avisar ao retorno de Nalu.

D) A repetição do termo “mãe” ao longo do parágrafo é um exemplo de coesão lexical por sinônimo, evitando ambiguidades na cadeia referencial.

80ª QUESTÃO

Leia o fragmento abaixo:

“Na última hora, desistiu. Vendeu apenas um, pois se surpreendeu com o preço oferecido, ela não dava nada por ele, e precisava fazer caixa, pois não conseguíamos vender seu antigo apê dos Jardins” [...]

No trecho, o uso da palavra “apê” em lugar de “apartamento” indica:

- A) Um erro gramatical, já que “apê” não é uma palavra reconhecida na norma culta da língua.
- B) Uma escolha que revela informalidade e aproxima o texto da linguagem cotidiana.
- C) Uma tentativa de tornar o texto mais técnico e preciso, típico de textos mais formais, como os literários.
- D) Um regionalismo exclusivo da cidade de São Paulo, sem uso em outras regiões.

81ª QUESTÃO

No excerto **“Ela ficou apenas com dois livros, um Feliz ano velho em alemão e a Bíblia”**, a referência ao livro *Feliz ano velho* estabelece uma relação de intertextualidade que:

- A) Indica que o livro citado é o único exemplo de obra religiosa presente no acervo da personagem.
- B) Sugere uma conexão com a obra autobiográfica de Feliz Ano Velho, escrita por seu marido Rubens Paiva, reforçando um tom memorialístico e pessoal do texto.
- C) Mostra que o livro citado é uma continuação direta da narrativa apresentada no texto.
- D) Aponta que a personagem mantém uma relação memorialística com a referida obra, uma vez que o texto foi escrito por seu filho.

82ª QUESTÃO

No excerto **“Ela ficou apenas com dois livros...”**, o uso do pronome “ela” estabelece um mecanismo de coesão textual por meio da anáfora.

Assinale a alternativa que identifica corretamente a função desse recurso no texto:

- A) Retomar uma personagem já mencionada anteriormente, evitando repetição.
- B) Introduzir uma nova personagem ainda não mencionada no texto.
- C) Substituir um termo indefinido sem referência clara no contexto.
- D) Indicar um elemento externo ao texto, dependendo da interpretação do leitor.

TRECHO XI

Não, não é sua mãe, é outra pessoa, sua mãe não diria aquilo, logo ela, Eunice, a rainha da etiqueta, do bom senso, da sobriedade, da educação. Não era mamãe xingando, gritando comigo. Era a falta dela em seu próprio cérebro. Era ela ausente do seu corpo. Era o seu apagar que agia com brutalidade nos gestos e nas palavras.

E foi exatamente quem não era filho dela, meu cunhado Avelino, um carioca gozador, um dos que mais conviveu com ela, quem se tocou disso. Foi ele que passou a rir da agressividade. Passou a rir dela. Passou a concordar com ela. Sim, também quero ir embora, falem baixo, é uma por-ca-ri-a.

Concordar passou a ser o tranquilizante que faltava. Concordar era nosso remédio. Concordar acabava com a discussão. Ela se acalmava. Até ria. E pensava em outra coisa. Esse processo de convívio com o gênio instável, de altos e baixos e sem lógica, especialmente de alguém que seguiu a vida nos trilhos da lógica, e de como transformar a inconformidade em piada, foi um segredo que aprendemos quase casualmente com o tempo.

Tudo era uma “por-ca-ri-a”. Tudo para nós passou a ser também uma “por-ca-ri-a”. O almoço, o lanche, o bairro, o banco, uma “por-ca-ri-a”! Então entramos numa segunda fase do Alzheimer, quando não ligamos mais que tudo fosse uma “por-ca-ri-a”, passamos a entender a doença, a separar a pessoa de antes e depois, a não levar as ofensas para o lado pessoal, e passamos a rir das situações.

83ª QUESTÃO

No trecho XI, o narrador descreve a mudança de comportamento de Eunice e a estratégia adotada pela família para lidar com essa nova realidade. Considerando o contexto da obra, assinale a alternativa que melhor interpreta o sentido dessa adaptação:

- A) A atitude de concordar com Eunice representa uma forma de desistência emocional da família, que deixa de reconhecer sua identidade anterior.
- B) O riso e a concordância funcionam como mecanismos de negação da gravidade da doença, impedindo a aceitação da realidade.
- C) A estratégia de concordar e rir revela um processo de ressignificação da convivência, no qual a família separa a doença da pessoa e encontra uma forma afetiva de cuidado.
- D) A repetição da expressão “por-ca-ri-a” evidencia apenas a perda total de sentido da linguagem, sem impacto nas relações familiares.

84ª QUESTÃO

No texto XI, a palavra “porcaria” aparece segmentada como “por-ca-ri-a”. Considerando o contexto narrativo e os efeitos de sentido produzidos, assinale a alternativa que melhor explica o uso dessa segmentação:

- A) Indica um erro de escrita proposital para representar a perda total da competência linguística da personagem, anulando qualquer possibilidade de comunicação.
- B) Reproduz a forma como a personagem pronuncia a palavra, funcionando como recurso expressivo que evidencia a alteração cognitiva e reforça o impacto emocional da cena.
- C) Tem como objetivo principal adequar o texto às normas da divisão silábica da língua portuguesa, destacando a estrutura formal da palavra.
- D) Representa um recurso gráfico sem função semântica relevante, utilizado apenas para dar ritmo ao texto narrativo.

85ª QUESTÃO

Não era mamãe me xingando, gritando comigo. Era a falta dela em seu próprio cérebro. Era ela ausente do seu corpo.

A partir da reflexão do narrador sobre a doença de Eunice, assinale a alternativa que melhor interpreta o sentido dessa passagem:

- A) O narrador interpreta os comportamentos agressivos de Eunice como expressão de sua personalidade anterior, mantendo a ideia de continuidade total de identidade.
- B) O trecho revela uma tentativa de objetivar a doença, tratando o Alzheimer apenas como um fenômeno físico, sem implicações emocionais ou afetivas.
- C) O narrador constrói uma separação entre a pessoa e os efeitos da doença, permitindo uma leitura que evita a personalização das agressões e preserva a identidade de Eunice.
- D) O texto sugere que a agressividade de Eunice é intencional e consciente, sendo utilizada como forma de comunicação deliberada com a família.

86ª QUESTÃO

— O maldito alemão — como dizia um vizinho dela, bem mais jovem, também com Alzheimer. Quando ele se esquecia de algo, falava:

— Me deixa em paz, alemão, sai!

Era muito mais bem-humorado do que ela. Era da mesa de truco. Fumava e bebia um bom uísque a tarde toda. Com ou sem o alemão impronunciável ao lado. Seria o meu tratamento, a minha prescrição, com um cigarrinho pra arrematar.

Na passagem acima, o termo “alemão” aparece associado à fala de um vizinho com Alzheimer, que o utiliza de forma recorrente e carregada de humor. Considerando o contexto da obra *Ainda Estou Aqui* e os efeitos de sentido produzidos no texto, assinale a alternativa correta sobre a relação entre “alemão” e Alzheimer:

- A) O termo “alemão” é utilizado como referência literal a uma nacionalidade, indicando que a doença estaria associada a estrangeiros, especialmente alemães.
- B) O uso de “alemão” revela um entendimento clínico do Alzheimer, pois a palavra deriva etimologicamente do nome da doença em alemão.
- C) A expressão “alemão” é empregada como um recurso neutro, sem relação com a doença ou com o estado cognitivo do personagem, funcionando apenas como gíria regional.

D) “Alemão” funciona como uma metáfora idiossincrática, ligada à forma como o personagem nomeia o esquecimento e lida com a doença de maneira humorística e subjetiva, pois o nome da doença é o mesmo nome do médico alemão que a descreveu pela primeira vez.

TRECHO XII

Ela estava no Estágio III quando a Comissão Nacional da Verdade foi instaurada, o MPF-RJ começou a ação contra torturadores, documentos dos arquivos do coronel Molina, morto em Porto Alegre em 2014, provaram a prisão do meu pai, depois confirmada por Malhães, também morto em seguida, e a farsa que ela atacou por décadas e a intrigou foi enfim desfeita; os caras que diziam que meu pai fugira vieram a público e desmontaram a versão oficial. Ela não registrou em seus pensamentos que se criou a Comissão da Verdade Rubens Paiva em São Paulo, inauguraram-se bustos

dele no Congresso e na Estação Engenheiro Rubens Paiva do metrô, que documentos surgiram, depoimentos, a morte e o desaparecimento foram sendo contados. Ele saía diariamente nos jornais, às vezes na capa, sempre nos telejornais. Uma escola de samba carioca quis fazer do meu pai o enredo do Carnaval de 2015. Não nos empolgamos. Eles desistiram.

Em 2014, Rubens Paiva, ele mesmo, morto, ganhou o prêmio Vladimir Herzog de jornalismo. Em 2012, uma reportagem da Miriam Leitão sobre Rubens Paiva já tinha ganhado o mesmo prêmio. O que não aconteceu em décadas, aconteceu em meses. No ano em que o golpe de 64 fez cinquenta anos. Um busto na pracinha em frente ao antigo DOI-Codi, na Tijuca, foi inaugurado. Fui à Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, e, para mais de mil pessoas, li um texto em sua homenagem e chorei. Um texto que dizia “a família Rubens Paiva não chora em público”. Ela não tem ideia dessa homenagem.

87ª QUESTÃO

No excerto “**os caras que diziam que meu pai fugira vieram a público e desmontaram a versão oficial**”, o verbo fugira está empregado em qual tempo verbal e com qual sentido no contexto?

- A) Pretérito perfeito do indicativo, indicando uma ação concluída no passado recente.
- B) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo, indicando uma ação anterior a outra ação passada, no caso, a versão oficial apresentada.
- C) Futuro do pretérito do indicativo, indicando uma hipótese sobre a fuga do pai.
- D) Pretérito imperfeito do subjuntivo, indicando uma possibilidade incerta no passado.

88ª QUESTÃO

O trecho XII estabelece uma relação com o período da Golpe de 1964 no Brasil ao:

- A) mostrar como, décadas depois da ditadura, surgiram investigações, homenagens e revelações que contestaram versões oficiais militares sobre crimes do regime.

- B) destacar exclusivamente eventos festivos e culturais, sem conexão com acontecimentos políticos do passado.
- C) afirmar que todas as informações sobre desaparecidos políticos já eram conhecidas e aceitas desde o período da ditadura.
- D) defender a versão oficial do regime militar ao reafirmar que o pai do narrador havia fugido.

89ª QUESTÃO

Leia o fragmento abaixo:

“A ex-presa política Dulce Pandolfi, presa na mesma época e na mesma instalação, detalhou que cabia aos cabos e soldados cuidar da infraestrutura. Eram eles que fechavam e abriam as celas, os levavam para os interrogatórios, para as sessões de tortura, faziam a ronda noturna, levavam as refeições. Nada de banho de sol, visita familiar, conversa com advogado. Nenhum contato com o mundo exterior. Naquela fase, eram presos clandestinos. Só saíam das celas para os interrogatórios, de olhos vedados, com um capuz preto na cabeça. Quase todos os que faziam o trabalho de infraestrutura incorporavam o ambiente da tortura. Mas havia exceções. Um dos soldados deu um pedaço de papel e uma caneta para ela escrever uma carta aos pais. E, de fato, a carta chegou ao destino. Pode ter sido o mesmo que deu chocolate para minha mãe.”

No excerto apresentado, a construção narrativa alterna entre a descrição de práticas sistemáticas de repressão e a inclusão de episódios pontuais de exceção. Considerando essa estrutura, qual é a principal função discursiva da referência ao soldado que entrega papel, caneta e possivelmente chocolate?

- A) Introduzir uma contradição factual que invalida o testemunho de Dulce Pandolfi sobre o funcionamento do sistema carcerário clandestino.
- B) Ressaltar a inexistência de violência institucional ao sugerir que os agentes militares mantinham relações humanizadas com os presos.
- C) Evidenciar que, mesmo em um sistema estruturado de desumanização, podem ocorrer atos individuais de dissidência moral sem alterar a lógica geral da repressão.
- D) Sugerir que a infraestrutura do cárcere clandestino era informal e desorganizada, dependendo da boa vontade de soldados isolados.

90ª QUESTÃO

Leia o fragmento a seguir e responda:

“Riscala Corbage contou em depoimento para os promotores:

Os soldados do PIC eram soldados engajados, os catarinas. [...] O oficial não encostava a mão em nenhum preso [...] porque não precisava. Tinha sempre dois soldados do PIC... Já viu catarina de dois metros e três, dois metros e quatro de altura, já viu catarina pesando cento e

quarenta quilos, os caras assustavam a gente, que era oficial da polícia. Eles é que preparavam os presos para o pau de arara, eles é que botavam lá, eles é que prendiam o arame para dar choque, eles é que davam afogamento... Agora, você vai dizer, mas por trás deles tinha um oficial... Eram três salas de interrogatório simultâneas, três interrogatórios simultaneamente. E todo dia mudavam os interrogadores, era vinte e quatro por quarenta e oito. [...] Eu passava, tá aqui vocês três, cumprimentava, ia lá para dentro e falava: Qual é a minha sala hoje? Ah, é a sala 1, a sala 2, a sala 3... Tudo bem..."

No trecho apresentado, há a incorporação de um depoimento real de Riscalda Corbage dentro de uma narrativa maior que também dialoga com registros históricos e testemunhos de violência institucional.

Considerando essa articulação entre linguagem narrativa e documento oral, qual é a principal implicação interpretativa dessa estratégia?

- A) A fusão entre literatura e depoimento tem como objetivo estetizar a violência, tornando-a menos real e mais simbólica.
- B) O uso do depoimento serve para substituir a narrativa literária, eliminando qualquer mediação interpretativa do autor.
- C) A presença de depoimentos reais tem função de neutralizar a subjetividade do texto, transformando-o em um registro puramente objetivo e neutro.
- D) A justaposição entre relato literário e testemunho real reforça a materialidade histórica da violência, produzindo um efeito de verossimilhança e responsabilização.

91ª QUESTÃO

O livro *Ainda Estou Aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, articula memória familiar, testemunho e reconstrução histórica para tratar de um período marcado pela repressão estatal no Brasil. Considerando sua importância para a compreensão da história do país, especialmente no contexto da Golpe de 1964 no Brasil, qual alternativa melhor explica o papel da obra na relação entre memória individual e história coletiva?

A obra prioriza exclusivamente o relato íntimo e familiar, recusando qualquer conexão com eventos históricos mais amplos para preservar a subjetividade da narrativa.

B) O livro funciona como uma negação das versões oficiais sobre a ditadura, substituindo documentos históricos por uma reconstrução puramente ficcional da experiência familiar.

C) A obra articula memória pessoal e registros históricos para tensionar versões oficiais, contribuindo para a compreensão crítica da ditadura por meio da sobreposição entre experiência individual e contexto político.

D) O livro apresenta uma visão neutra e documental da história brasileira, eliminando qualquer elemento subjetivo para garantir rigor historiográfico absoluto.

92ª QUESTÃO

No livro *Ainda Estou Aqui*, o autor narra a busca por respostas sobre o desaparecimento de seu pai, o deputado Rubens Paiva, durante a ditadura militar brasileira. Ao longo da obra, a mãe do autor, Eunice Paiva, desempenha um papel central. Considerando o contexto do livro e a construção narrativa, qual é a principal transformação que Eunice Paiva sofre ao longo da história?

- A) Ela se torna uma ativista política radical, abandonando a família para se dedicar exclusivamente à luta armada contra o regime.
- B) Ela passa de uma dona de casa dedicada à família a uma mulher que, mesmo enfrentando o luto e a repressão, estuda Direito e torna-se uma importante advogada na defesa dos direitos humanos.
- C) Ela decide se mudar do Brasil com os filhos, rompendo completamente qualquer vínculo com o passado e com as memórias do marido.
- D) Ela se isola emocionalmente e nunca mais consegue falar sobre o ocorrido, entregando-se ao esquecimento como forma de sobrevivência.

93ª QUESTÃO

Todas as esferas usaram o jargão ‘paciente’, não ‘detido’ ou ‘preso’. Ou os torturadores se apropriaram do jargão das esferas superiores? O general Sylvio Frota reiterou ao STM: [...]

O fragmento evidencia o uso de diferentes termos para se referir a indivíduos submetidos à repressão estatal durante o período da ditadura militar no Brasil. O autor destaca a substituição de palavras como “preso” ou “detido” por “paciente”. Do ponto de vista do discurso, essa estratégia terminológica tem como principal efeito:

- A) humanizar o tratamento institucional, ressaltando o amparo médico custodiados.
- B) camuflar a violência institucional por uma assepsia técnica da linguagem.
- C) assegurar a validade dos processos jurídicos mediante o uso de jargões oficiais.
- D) Assegurar a legalidade das ações do Estado ao utilizar termos jurídicos precisos.

94ª QUESTÃO

Todas as esferas usaram o jargão ‘paciente’, não ‘detido’ ou ‘preso’. Ou os torturadores se apropriaram do jargão das esferas superiores? O general Sylvio Frota reiterou ao STM: [...]

Ao citar a fala de um general e mencionar o Superior Tribunal Militar (STM), o narrador incorpora elementos do discurso jurídico e oficial à sua narrativa. No conjunto da obra, o uso dessas referências documentais e de autoridades tem como principal finalidade:

- A) Validar o caráter ficcional da obra, utilizando nomes reais para construir um universo verossímil.
- B) Reforçar a autoridade do STM como instituição que garantia a justiça plena durante o período militar.

- C) Comprovar a materialidade dos fatos narrados, conferindo um caráter de testemunho histórico ao relato pessoal.
- D) Demonstrar a eficiência da comunicação oficial do Estado na gestão dos conflitos políticos da época.

95ª QUESTÃO

Minha mãe passou a frequentar Brasília. Na teoria, aquele regime tinha ainda um braço de civilidade, o Congresso, e organizações da sociedade civil.

No excerto apresentado, a expressão “braço de civilidade” é utilizada para se referir ao Congresso e às organizações da sociedade civil. Do ponto de vista da linguagem, essa construção projeta sobre tais instituições uma imagem que sugere:

- A) uma construção metafórica, em que o termo 'braço' indica um instrumento de ação do regime.
- B) uma substituição metonímica, na qual a parte física representa a totalidade da estrutura estatal.
- C) um recurso hiperbólico, voltado a enaltecer a importância do Congresso para a ordem vigente.
- D) um efeito eufemístico, visando atenuar a percepção das restrições impostas pelos militares.

96ª QUESTÃO

Cada um dos filhos o enterrou à sua maneira, em épocas diferentes, silenciosamente.

No excerto acima, a construção “cada um dos filhos o enterrou à sua maneira” não se refere a um enterro literal, mas sugere um processo subjetivo vivido pelos personagens. Esse recurso expressivo contribui para evidenciar:

- A) a ocorrência de ritos fúnebres tradicionais realizados em momentos distintos.
- B) a resistência coletiva em aceitar a finitude da vida de forma objetiva.
- C) a vivência individual do luto, marcada por tempos e formas distintas de elaboração da perda.
- D) a fragilidade dos vínculos afetivos estabelecidos entre os membros da família.

97ª QUESTÃO

Em 1985, ela disse numa palestra que ouviu de tudo, muitas versões e mentiras, mas que a única coisa que tinha certeza era de que Rubens estava morto, mas uma morte não oficial.

No excerto apresentado, ao narrar que a mãe “ouviu de tudo, muitas versões e mentiras”, o narrador apresenta indiretamente a fala da mãe durante uma palestra. Essa fala contribui para a construção da ideia de:

- A) confirmação oficial dos fatos narrados.
- B) valorização das versões apresentadas pelo governo.
- C) diversidade de relatos e informações sobre o caso.
- D) certeza absoluta sobre o desaparecimento de Rubens.

98ª QUESTÃO

Leia o fragmento abaixo retirado de *Ainda estou aqui*:

“Em 1985, ela disse numa palestra que ouviu de tudo, muitas versões e mentiras, mas que a única coisa que tinha certeza era de que Rubens estava morto, mas uma morte não oficial.”

No fragmento, a expressão “morte não oficial” é utilizada para descrever a situação de Rubens Paiva naquele momento histórico. Do ponto de vista do contexto sociopolítico do Brasil na década de 1980, essa formulação expressa a seguinte contradição:

- A) aceitação religiosa do falecimento em oposição à esperança civil de reencontro.
- B) A certeza íntima da família frente à recusa do Estado em reconhecer a responsabilidade pelo óbito.
- C) A existência de evidências materiais do crime contra a ausência de testemunhas oculares.
- D) O encerramento dos processos jurídicos diante da manutenção do status de exilado político.

99ª QUESTÃO

Leia o excerto abaixo:

“No beliche ao lado, dormia um pedreiro que reformava o prédio de Química do campus, onde os alunos produziam LSD e em cujo pátio interno a polícia encontrou pés de maconha. Nunca trocamos mais do que duas palavras: 'Bom dia'. Descíamos juntos as ladeiras do centro. No entanto, eu ficava no ponto de carona dos estudantes. Ele pegava o busão. Interessante como a divisão de classes cria rituais próprios, que aumentam a distância entre elas.”

No excerto, o autor relata suas experiências pessoais durante o período universitário, destacando aspectos sociais e culturais vivenciados na pensão onde morava.

Considerando o trecho acima, assinale a alternativa que melhor expressa a crítica social presente no texto:

- A) A convivência harmoniosa entre diferentes classes sociais na universidade, evidenciada pela amizade entre o autor e o pedreiro.
- B) A desigualdade social manifestada nas diferentes formas de transporte utilizadas por estudantes e trabalhadores, reforçando a segregação social.
- C) A criminalização dos estudantes pela produção de substâncias ilícitas, que gera preconceito contra todos os moradores da pensão.
- D) A importância da convivência em grupo para a superação das barreiras sociais, demonstrada pelo convívio no mesmo espaço físico.

100ª QUESTÃO

‘Você se lembra de mim?’ é a pergunta que todos lhe fazem. Querem ser reconhecidos. Querem que ela se lembre ‘de mim’. A prova de que tem algo deles dentro dela, uma memória que está lá, mas não consegue ser resgatada, que é da pessoa que quer ser lembrada. Querem a prova de que ainda existe alguma ligação com o mundo, com a vida.

Observe a variação linguística presente nesse trecho e analise as afirmativas a seguir:

- I. O uso da repetição do verbo "querer" reforça a insistência e a emoção dos interlocutores, caracterizando uma modalidade oral e coloquial do português.
- II. A estrutura do texto apresenta características formais, próprias da modalidade escrita padrão, evidenciadas pela construção clara e pela ausência de gírias ou expressões regionais.
- III. A presença de expressões como "'de mim'" entre aspas indica um recurso discursivo que aproxima o leitor da fala direta, característica da linguagem oral.
- IV. O texto utiliza um vocabulário altamente técnico e rebuscado, típico de textos científicos.

As afirmativas que descrevem corretamente os recursos do trecho são:

- A) Apenas as afirmativas I e II.
- B) Apenas as afirmativas II e IV.
- C) Apenas as afirmativas I, II e III.
- D) Apenas a afirmativa IV.

101ª QUESTÃO

‘Você se lembra de mim?’ é a pergunta que todos lhe fazem. Querem ser reconhecidos. Querem que ela se lembre ‘de mim’. A prova de que tem algo deles dentro dela, uma memória que está lá, mas não consegue ser resgatada, que é da pessoa que quer ser lembrada. Querem a prova de que ainda existe alguma ligação com o mundo, com a vida.

No excerto, o narrador reflete sobre as interações entre os visitantes e sua mãe, acometida pelo Alzheimer.

A insistência dos interlocutores em serem lembrados revela que a memória da personagem assume a seguinte função para aqueles que a cercam:

- A) Um fardo emocional que impede o processo de luto dos familiares e amigos.
- B) Um registro histórico necessário para a comprovação dos fatos políticos do passado.
- C) Um espelho de validação da própria existência e do pertencimento afetivo de quem pergunta.
- D) Um obstáculo à comunicação, visto que a falta de reconhecimento gera o isolamento social da doente.

102ª QUESTÃO

Em *Ainda estou aqui*, a memória da mãe, afetada pelo Alzheimer, contrasta com a memória que o narrador busca reconstruir sobre a ditadura e o desaparecimento do pai. Esse contraste evidencia que, na obra, a memória:

- A) é apenas um recurso individual, desligado de qualquer dimensão política.
- B) serve para reforçar a ideia de que o passado deve ser esquecido para que a família siga em frente.
- C) funciona como espaço de disputa entre o esquecimento imposto (ditadura) e o apagamento involuntário (doença).
- D) é substituída por documentos oficiais, considerados mais confiáveis que as lembranças da família.

103ª QUESTÃO

Assim que nos mudamos para São Paulo, em 1974, não tínhamos dinheiro, mas tínhamos quadros de valor. Ela não os vendia. Dizia que os quadros eram importantes para as visitas. No fragmento, o autor utiliza recursos coesivos e gramaticais para articular as memórias familiares. Sobre esses recursos, é correto afirmar que:

- A) A expressão "Assim que" estabelece uma relação de modo, detalhando as circunstâncias da mudança para São Paulo.
- B) O emprego da conjunção "mas" introduz uma ressalva que altera a percepção sobre a condição financeira da família.
- C) A repetição do substantivo "quadros" no último período é um recurso necessário para evitar a ambiguidade do pronome "os".
- D) O uso do pretérito imperfeito em "vendia" e "tínhamos" indica que as situações descritas eram pontuais e passageiras.

GABARITO

1ª QUESTÃO	A
2ª QUESTÃO	B
3ª QUESTÃO	B
4ª QUESTÃO	A
5ª QUESTÃO	C
6ª QUESTÃO	C
7ª QUESTÃO	B
8ª QUESTÃO	B
9ª QUESTÃO	D
10ª QUESTÃO	A
11ª QUESTÃO	B
12ª QUESTÃO	B
13ª QUESTÃO	B
14ª QUESTÃO	D
15ª QUESTÃO	A
16ª QUESTÃO	B
17ª QUESTÃO	D
18ª QUESTÃO	C
19ª QUESTÃO	B
20ª QUESTÃO	A
21ª QUESTÃO	C
22ª QUESTÃO	B
23ª QUESTÃO	B
24ª QUESTÃO	C
25ª QUESTÃO	C
26ª QUESTÃO	A
27ª QUESTÃO	B
28ª QUESTÃO	B
29ª QUESTÃO	C
30ª QUESTÃO	B
31ª QUESTÃO	D
32ª QUESTÃO	C
33ª QUESTÃO	B
34ª QUESTÃO	B
35ª QUESTÃO	C
36ª QUESTÃO	C
37ª QUESTÃO	B
38ª QUESTÃO	C
39ª QUESTÃO	B
40ª QUESTÃO	D
41ª QUESTÃO	C
42ª QUESTÃO	A
43ª QUESTÃO	B
44ª QUESTÃO	C
45ª QUESTÃO	B
46ª QUESTÃO	B

47ª QUESTÃO	B
48ª QUESTÃO	A
49ª QUESTÃO	A
50ª QUESTÃO	D
51ª QUESTÃO	C
52ª QUESTÃO	B
53ª QUESTÃO	A
54ª QUESTÃO	C
55ª QUESTÃO	D
56ª QUESTÃO	B
57ª QUESTÃO	D
58ª QUESTÃO	B
59ª QUESTÃO	B
60ª QUESTÃO	C
61ª QUESTÃO	B
62ª QUESTÃO	A
63ª QUESTÃO	A
64ª QUESTÃO	B
65ª QUESTÃO	C
66ª QUESTÃO	B
67ª QUESTÃO	C
68ª QUESTÃO	B
69ª QUESTÃO	B
70ª QUESTÃO	C
71ª QUESTÃO	C
72ª QUESTÃO	B
73ª QUESTÃO	C
74ª QUESTÃO	A
75ª QUESTÃO	B
76ª QUESTÃO	C
77ª QUESTÃO	B
78ª QUESTÃO	D
79ª QUESTÃO	C
80ª QUESTÃO	B
81ª QUESTÃO	D
82ª QUESTÃO	A
83ª QUESTÃO	C
84ª QUESTÃO	B
85ª QUESTÃO	C
86ª QUESTÃO	D
87ª QUESTÃO	B
88ª QUESTÃO	A
89ª QUESTÃO	C
90ª QUESTÃO	D
91ª QUESTÃO	C
92ª QUESTÃO	B

93^a QUESTÃO	B
94^a QUESTÃO	C
95^a QUESTÃO	A
96^a QUESTÃO	C
97^a QUESTÃO	B
98^a QUESTÃO	B
99^a QUESTÃO	B
100^a QUESTÃO	C
101^a QUESTÃO	C
102^a QUESTÃO	C
103^a QUESTÃO	B

SOBRE OS ORGANIZADORES



Elaine Cristina Carvalho Duarte

Possui doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília, mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília e graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialização *lato sensu* em Gestão estratégica em EaD e Design instrucional. Professora contratada do departamento de Letras FFP/Uerj. Tutora de Literatura Brasileira no curso de Letras da UFF/Cederj. Atuação nas áreas de literatura em campo expandido, ensino de literatura e novas tecnologias, metodologias ativas e multiletramentos. Membro dos Grupos de Pesquisa "Linguagem e Sociedade" (CNPq-UERJ) e "Literaturas, Artes Visuais e Formação de Professores" (CNPq - UERJ). Vice-coordenadora do projeto de extensão "Escrevendo com(o) professores" (PROEX-UFOP) e coorientadora de Iniciação Científica no Projeto "Desinformação, formação cidadã e letramentos acadêmico científicos: ensino superior em diálogo com a sociedade" (UFOP- Mariana).



Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005), instituição onde também concluiu mestrado (2009) e doutorado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa (2013). Atualmente é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando na Educação Básica e na formação de professores no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), desde março de 2015. É orientadora de Iniciação Científica e coordenadora dos projetos de extensão "Rodas de leitura Lélia Gonzalez" e "Língua, Literatura e Cidadania". Se dedica à divulgação de concepções interdisciplinares na área de Língua, Linguística e Literaturas, sobretudo a partir de questões de identidades socialmente apagadas, sobretudo dos sujeitos negros. Trabalha, ainda, com produção de materiais didáticos gratuitos para a comunidade interna e externa do CAP/UERJ, com vistas à preparação para o acesso ao Ensino Superior, por meio do ENEM, do vestibular da UERJ e de outros vestibulares nacionais. Como pesquisadora, possui como escopo teórico o "texto" e suas diferentes interfaces pragmáticas, gramaticais, estilísticas e dos estados da arte, sobretudo das experiências identitárias negras em suas literaturas. Foi bolsista de mestrado da FAPERJ, de doutorado da CAPES e fez parte do Programa Nacional de Pós Doutorado em 2014, com bolsa do CNPQ.



Rosângela Gomes Ferreira

Possui graduação em Letras - Português/Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007), mestrado em Letras - Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010) e doutorado em Letras - Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014). Atualmente é coordenadora do curso de Letras Português-Literaturas da Faculdade de Formação de Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professora adjunta 2 da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação dos Professores e estatutário da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística cognitiva, léxico, semântica, cultura, ensino, produção textual e morfologia.



Simone Maria Bacellar Moreira

Possui graduação em Letras Português Francês pela Universidade Federal Fluminense (2003), mestrado em Literaturas Francófonas pela Universidade Federal Fluminense (2006) e doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2011). Coordenadora de Graduação de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ de julho de 2019 a setembro de 2022, Coordenadora de área de Língua Portuguesa da FFP/UERJ no Projeto PIBID 2020/2021, coordenadora do Projeto de Prodocência "Projeto: Círculos de Letramento - Tecendo Narrativas de Vivência", coordenadora do Setor de Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas, Membro do Projeto de Pesquisa A NARRATIVA ENTRE A FICÇÃO E O DOCUMENTO, ENTRE O MESMO E O OUTRO, coordenado pela prof. Maria Elizabeth Chaves de Mello da Universidade Federal Fluminense. Aprovada em 04 de maio de 2015 no concurso para professor Adjunto na Área de Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento da Faculdade de Formação de Professores da UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro.



Wellington Silva Santana de Oliveira

Membro do grupo de pesquisa Ciência da Linguagem na Escola (Cle/CNPq-Cap/UERJ), na linha de pesquisa "Língua, educação, metodologias e políticas públicas". Atuante no projeto procientista *Estratégias de popularização do pensamento científico no campo das linguagens: Por uma abordagem democratizante e por uma perspectiva decolonizante* (UERJ/FAPERJ), sob orientação da Profa. Dra. Silvia Guimarães; e voluntário no projeto de pesquisa de pesquisa *Intersecções teóricas e práticas de Língua Portuguesa, Linguística e Literatura na metodologia de ensino do português* (CNPq), onde foi bolsista de Iniciação Científica entre abril de 2023 até agosto de 2024, sob orientação da Profa. Dra. Hilma Ribeiro. É membro dos projetos extensionistas *Café com Método: Estratégias de popularização do pensamento científico aplicado aos estudos de linguagens*, coordenado pela Profa. Dra. Silvia Guimarães, *Rodas de Leitura Lélia Gonzalez* (UERJ/DEPEXT) e *Língua, Literatura e Cidadania* (UERJ/DEPEXT), coordenados pela Profa. Dra. Hilma Ribeiro. Foi voluntário de Iniciação Científica do projeto de pesquisa *O sujeito diaspórico em neonarrativas de escravidão contemporâneas*, sob orientação da Profa. Dra. Shirley Carreira (UERJ/FFP). Foi bolsista de extensão do projeto *Laboratório de Formação Permanente em Letras: ações coletivas, docência e ensino - LABLETRAS/UERJ*, coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Wiedemer (UERJ/FFP). Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa e Literatura.

SOBRE OS AUTORES

Bianca Gomes Borges Macedo

Bruna Pedrosa da Fonseca

Camila Dutra da Paz

Carla Flavia Antunes Da Costa

Claudia Valença de Lira Santos

Gabriel Calvano

Joana Elisa Deolinda Silva Dias

João Victor Dirk Teixeira e Ferreira

Julia Meirelles Gomes do Nascimento

Ketheleen Cristini Pinheiro de Araujo Pinto

Lethicia Roberta Barros Gonçalves

Letícia Carvalho Lessa

Lídia Mendes

Roberta Alves Silva Coimbra

Thayane Silva da Motta Furtado

A publicação deste material é resultado de um esforço coletivo entre professores-pesquisadores e estudantes vinculados ao Instituto de Aplicação da UERJ (CAp/UERJ) e à Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/UERJ), com o propósito de contribuir para a democratização do acesso ao Ensino Superior. Mais do que promover o desenvolvimento de habilidades linguísticas, buscamos apoiar os vestibulandos em sua trajetória de preparação, fortalecendo caminhos rumo à aprovação.